

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC01-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balbino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> Analfabeto
<b>Informante2:</b> Capitolina <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01b <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 00:19-05:55	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O cesteiro	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 01	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF1 A senhora quer ele os cestos é à moda antiga, {PHInũ=não} é?

*INQ Sim.*

INF1 Moda antiga, com [ABla ro-] a rodilha no fundo, rodilha na beira, [ABlf-, feito d-] o mesmo modelo da moda antiga, {PHInũ=não} é?

*INQ Sim senhor.*

INF1 O fundo, agora, é à moda de São Miguel, que é modas novas, estas coisas {PHIsĩ'ʒejʒ=singelas}, [ABlna-, na-] não prestam nada.

*INQ Não.*

INF1 Pois. À moda antiga. Então eu vou fazer um cestinho de asa {CTlpa=para a} senhora, à moda antiga; vou fazer um cesto de acartar às costas pequenino – tudo em ponto pequeno –, à moda antiga; um cesto de senhora acartar à cabeça, à moda antiga; um cesto compridinho, à moda antiga.

INF2 Mas é se ela gostar.

*INQ Esses, esses cestos todos?*

INF1 Sim senhora. Ele vai-se ver (essas coisas).

INF2 Mas ela [RPlela] {PHInũ=não} se vai embora a caminho, a senhora?

INF1 Mas ela vai [ABlna se-] na terça-feira.

*INQ Só vou na terça-feira.*

INF1 Vou fazer tudo em ponto pequeno {CTlpa=para a} senhora poder levar em malas.

*INQ Está bem. Sim senhor.*

INF1 Não sei se lhe chama aqui cestos...

INF2 Vê se ela gosta de levar.

INF1 A gente chama cestos, {pp} destes cestos miudinhos...

*INQ Gosto, sim senhor, desde que seja em ponto pequenino, eu quero.*

INF1 É cestos miúdos que a gente chamam, que é um cesto de apanhar morangos, assim coisa de criança miúda. Vê-se (às vezes) em montras, coisa, um cesto de ponto pequeno. Outro feitio para ele fazerem cestos grandes é conforme aqueles nossos que temos acolá. Que ele [ABlo cesto] o cesto que eu vou fazer {CTlpa=para a} senhora, pequeno, {pp} de homem, [RP|de homem] é deste feitio.

INF2 É deste feitio [ABlmas é] {pp}, mas é pequenino.

INF1 É em ponto pequenino. O que eu vou fazer [ABl{CTlpa=para a} senho-] para senhora é deste feitio, em ponto pequeno. O que vou fazer [ABlde{fp}] de asa é {pp} redondinho e com uma asinha por cima. E o outro...

INQ E estes também se fazem cá, ou não?

INF1 Estes também se fazem cá. Esta aqui é de São Miguel, é singela. [ABlEstes]

INF2 (...)

INQ Ah, estes!

INF1 Este está aqui sem nada. [ABlAté por] Por acaso tem até a rodilha, este. Mas são quase todos [ABlsin-, sin-] singelos. Este que está aqui é como [ABlse-] a gente faz o açafate: é trincado, é de renda. É de renda. Ficam mais fracos.

INF2 Não, e também tem acolá... O casco, ele também tem.

INF1 Ele a gente chama rodilha... A gente chama rodilha que a rodilha... A gente, [ABleste vime] este cesto de [RP|de] acartar às costas que a gente usa aqui – que chamam acartar às costas de homens –, é feito com dezasseis costelas.

INQ O que é que são as costelas?

INF1 É estes vimes por aqui acima. (Ele) este são dezasseis costelas. Se é feito à comprida, tem que se fazer com vinte, {pp} ou vinte duas, ou vinte quatro, tem que ser {PHlç}=aos} pares – ele [ABl]à à comprida, que é esse cesto que a gente sabe –, e os redondos, [ABlde] baixinhos, de asa [ABlou, ou de] ou de mulher, é tudo com dezasseis costelas. Por acaso que a gente se queira botar {pp} também mais, vinte, fica o cesto mais valente, mas fica o vime muito basto, também de mais que a gente {PHlnũ=não} pode tecer também os vimes.

INQ E fica pesado, não é?

INF Fica pesado. [ABlA rodilha] O que a gente chama a rodilha é isto. {pp} É esta parte do fundo, aqui o acabamento do fundo, isto é a rodilha. Isto é o vivo que a gente faz no cesto. Podem fazer este vivo aqui em baixo, podem fazer aqui também aqui a meio... Isto é a rodilha. Esta rodilha é{fp} tecida {CTlpa=para a} esquerda, {pp} esta é {CTlpra=para a} direita... É ao contrário que é para {pp} ficarem assim.

INQ Para onde faz força, a outra, aquilo...

INF Sim senhor. Sim senhor. Para não puxar. [ABlCada u-, cada u-] Cada uma puxa para seu lado. São cestas jeitosas que isto {pp} eu não dou vencimento a fazer cestos desses aí.

INQ E este é utilizado para quê, para acartar?...

INF2 Para acartar vinho e uvas.

INF1 Este é só para acartar uvas, batatas, esterco, uvas, figos, coisas. Para acartar o uso de casa, {pp} coisas para casa. {pp} Isto [ABlé um] é um cesto [ABlque, que é] que é muito preciso aí. Os homens

aqui acartam todos é às costas. {CT|pa=Para a} Madalena já é tudo à cabeça. É cestos de senhora, é tudo cestos de senhora {fp}...

INF2 (...) A senhora nunca viu talvez {pp} para acartar às costas.

INQ *Vi.*

INF1 Até estes cestos... Estes cestos de senhora que a gente {IP|tavø=estava} dizendo, à moda da Madalena, levam duas asinhas aqui que é para ajudar.

INQ *Para pegar?*

INF1 [AB|{CT|pa=Para a}] {CT|pa=Para a} cabeça. Mas aqui em cima não usa. A gente usa aqui em cima é {fp} singelos, assim, deste feitio, sem asa. Ficam mais bonitos.

INF2 Singelos.

INF1 Ficam mais bonitos.

INF2 Sem asas.

INF1 A gente também faz açafates aí, que eu até...

INF2 Olha aí (...).

INF1 Eu, este...

INF2 Aquele está quase...

INF1 Este, olha, foi o primeiro [AB|pa-] para eu aprender – para eu aprender que nunca tinha visto fazer nenhum. Nunca vi fazerem um!

INQ *Isto são os açafates do Espírito Santo, é?*

INF2 É, sim senhora. {pp} Aquele foi o que ele então já fez {CT|pa=para a} gente {fp} levar os bolinhos. [AB|A senhora] [Ruído de alguma coisa a cair] Às vezes acontece.

INF1 Este foi o segundo que eu fiz. {pp} Este fundo do açafate é feito com quatro vimes {pp} para ficar bem tecido. Fica um fundo [AB|mais bem] mais bem tecido. Isto é uma renda que a gente faz aqui. É uma coisa muito fácil.

INQ *Com licença, deixe-me ver.*

INF1 Isto é fácil de fazer isto. Agora a gente faz isto (durante) um pedaço.

INF2 Mas para lá também fazem assim {fp} açafates, por lá, também?...

INF1 Homem, {pp} fazem ele é grandes, grandes, fazem grandes! Grandes. Açafates dos grandes. Aqui usam é assim, que aqui ele [AB|los, os que ele fazem] os bolos são pequeninos.

INF2 As fogaças são pequeninas.

INF1 Os bolos são muito pequenos que a gente fazem aqui. Portanto, eu [AB|vou] vou-{PH|li=lhe} fazer um cesto {CT|pa=para a} senhora, {CT|pa=para a} senhora ver, e depois para si...

INF2 A senhora quer ver fazer, não é?

INQ *Sim senhora.*

INF1 Quer ver eu [AB|f-] fazer o cesto.

INF2 (...)

INQ Mas veja lá se tem...

INF1 Eu vou-{PH|li=lhe} escolher os vimes aqui... {pp} Este cesto {PH|nũ=não} presta para... É só {CT|pa=para a} senhora ver.

INF2 Quem sabe se fazes?! E se eu vou botar a mão (a algum) em cima destes?

INF1 Não se bota cá nada. Então eu faço isto com mais vagarinho.

INQ *Mas isto são vimes diferentes?*

INF1 Isto aqui é vimes descascados, que a gente faz {pp} cestos com o vime branco. Até eu {PHli=lhe} posso fazer vimes daqueles com estes...

INF2 É com o que se faz aqueles açafates e assim.

INF1 Mas nós, a gente faz os cestos pintados. A gente, porque são dezasseis vimes, é oito daqueles e oito destes. Cada casa leva um seu vime. Depois a gente {PHl'trōsi=torce} o vime, vem a ficar três vimes numa casa. Quer dizer que são dezasseis casas, tem dezasseis vimes. A gente muda o vime para pegar a fazer; e depois para consertar o vime, a gente trabalha sempre com o debaixo, sempre o detrás, para ele bater certo, para não ficar a cavalo um no outro, para [ABlnão] não ficar renda [ABlno] no cesto. Conforme a gente trabalha, a gente puxa este vime; cada casa tem um vime, puxa este que está aqui, fica logo em cima do outro.

INQ *Pois.*

INF1 A gente torna a puxar este, fica aqui. [ABlFi-] Vem a ficar duas casas com dois vimes – cada casa com dois vimes. Porque nós, puxa este debaixo, depois vem buscar este detrás, debaixo, para passar por dentro do outro e depois {PHl'e'pegø=pega} a trabalhar com os vimes outra vez novamente. Vem a ficar em todos o acabamento do cesto [ABlcom] com{fp} dois vimes em cada casa. É fácil tecer. [ABlA senhora] Eu vou-me descalçar e vou-me armar um cesto aqui. [ABlA senhora p-]

INQ *Olhe, e aquele, aquele vime mais clarinho, é para os, para os cestos mais fininhos?*

INF2 (Esses) fininhos, é, é. É cestos fininhos.

INF1 Vai ser então... [ABl{CTlpra=Para a} senhora] A senhora vai-se embora terça-feira, não é?

INQ *É, sim.*

INF1 E então isto vai-se botar de molho, que eu hoje então {IPl'to=estou} (aí) por casa, vou ver se hoje e amanhã se faço isso. [ABlPorque o Bal-] E depois eu entrego ao Balbo, e o Balbo depois entrega à senhora, {pp} para ser melhor, não é?

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC02-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balbino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> Analfabeto
<b>Informante2:</b> Capitolina <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01b <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 06:09-08:55	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O cesteiro	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 02	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF1 Isto é vimes que já não são bons, que isto é vimes já velhos, que isto é [ABlvime] restos de vimes. Tenho lá em cima muitos poderes, que eu {pp} tenho posto muitos poderes fora. Muitos massames fora. E os donos ficam com falta deles, que eu {PHlnũ=não} posso-os fazer.

*INQ Mas já não estavam porquê?*

INF1 Senhora?

*INQ Não estavam porquê?*

INF1 Não, estão bons. Estes estão bons, que eu escolhi-os.

INF2 Estes estão. Mas quer dizer, mas [ABlestão] estão já mais negros, que eles quando se acabam de descascar estão muito branquinhos.

INF1 [ABI{IP|tãw=Estão}] {IP|tãw=Estão} mais negros, é. Se isto for apanhados e descascados, isto fica alvinhos – alvos como leite! E a gente faz [ABluma] uma obrzinha, porque depois quem tem um, [ABlme-] mete isto na água salgada, [ABldur-] tem muita duração – lavadas em água salgada.

[ABIE{fp}]

INF2 É cruas.

*INQ Mas em água do mar ou água de casa?*

INF2 É água do mar.

INF1 É água do mar, água do mar. Tem muita duração. Um cesto destes, [ABlele para um assim, assim para um resolver, para usar] para {IP|tar=estar} assim num lugar qualquer, só para {pp} coisa de casa, dura-{PHli=lhe} anos, dura muito ano.

INF2 Para vista.

INF1 Isto é uma... Isto, [ABlest-] esta arte, eu peguei nesta arte, {PHlnũ=não} foi porque ninguém me ensinasse. Tenho um irmão meu que faz obras todas em vimes – a {PHlmu'viljê=mobília} de casa toda em vimes, se quiser fazer.

*INQ E é de cá também?*

INF1 É, ele é de cá. [ABIEle até{fp}] Ele, por acaso, ele {IP|ta=está} em casa. Mas ele há{fp} dois ou três anos {PH|nũ=não} trabalha em vimes.

INF2 Trabalha nas obras, {pp} que ele anda nas obras.

INF1 Ele é que fazia os meus cestos. E ele pegou-se lá comigo um dia porque ele também queria que eu aprendesse a fazer cestos e eu não queria, que eu não gostava desta arte. E eu, por acaso, ele disse que não (me) fazia o cesto e eu perguntei a ele se ele fazia os cestos se era com os olhos abertos ou os olhos fechados; e ele disse-me que era com os olhos abertos. "Pois se é com os olhos abertos, também eu hei-de fazer cestos". Peguei num cesto que ele tinha aí velho... [Risos] Peguei num cesto velho que tinha aí, olhei {CT|pu=para o} cesto e peguei a fazer cestos. Pois eu tenho feito centos e centos e centos de cestos. Olhe, até à senhora!

INQ *Mas o que é que o senhor queria dizer com essa dos olhos abertos ou com eles fechados?*

INF1 Era que ele, se fazia com os olhos abertos, também eu ia fazer com os olhos abertos, também podia fazer conforme ele fazia.

INF2 [AB|(Ele não)] Quer dizer que não era mais tolo de que ele. (...).

INF1 Eu não era mais tolo do que ele! [Risos]

INQ *Com os olhos fechados ...*

INF1 E vai eu peguei a fazer, sem ele me ensinar. E{fp} até (aí) vêm [AB|ca-] camionetas carregadas de vimes para aí. Olha, até um bate-chapas ali de Santo António, de São Vicente – eu não sei se conheces, que ele é de São Vicente –, vem-me com uma {PH|fra'gnetε=furgoneta} carregada de vimes para aí. Tornou a vir, levou os cestos, levou{fp} aí doze cestos, ficou uma parte deles aí, tornou ele a deixar mais vimes aí. {IP|tẽw̃=Estão}, por acaso, até verdes. Por acaso, {IP|tẽw̃=estão} lá em cima no [RP|no] mato, ainda, no Fogo, num tanque. Em vimes é que se eu quisesse trabalhar, {pp} em vimes, a minha arte {PH|epi'gavε=pegava} em vimes. Mas a minha arte {PH|nũ=não} é esta! A minha arte é trabalhar no campo, a mondar [AB|e{fp}]... Caiadura, às vezes, aí numas certas casas... E a coisa de vimes faz muito mal às cadeiras e eles depois não pagam {pp} o valor do cesto. Que a gente para fazer um cesto bem feito... {pp} Um homem para fazer um cesto bem feito tem que fazer quatro cestos por dia – bem feito! Eles apertam e eu, às vezes, faço... Já cheguei a fazer oito.

INF2 Mais mal.

INF1 Mas mal feitos, sim. [ABIE eu] E ele [AB|para faz-] para ganhar o meu dia, que eles {PH|nũ=não} querem dar mais que cinquenta escudos a um homem por fazer um cesto... {fp} E os homens aí estão muito caros! A senhora bote sentido, aí nas obras, os que vão trabalhar {CT|paz=para as} obras, vão ganhar quatrocentos e{fp} oitenta escudos. E eu para fazer um cesto por cinquenta escudos, para fazer quatro cestos, são quatrocentos escudos. E eu pego de manhã às sete horas...

INF2 São duzentos!

INF1 Sim, são duzentos escudos. [ABIEu p-, eu pego] Eu pego de manhã {fp} às sete horas e acabo à noite, para aparelhar os vimes e essas coisas todas. Tenho que fazê-los mal feitos {fp} para ver se adianta. Larguei de fazer vimes.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC03-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balbino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> Analfabeto
<b>Informante2:</b> Capitolina <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01b <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 17:45-18:59	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 03	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF1 Qual quê! Eu já não sei contos nenhuns; já há muito ano que {PHInũ=não} conto.

*INQ Mas conta agora.*

INF2 Uma história, (conta aí)...

INF1 Já não sei sequer o princípio deles.

INF2 Mas contandos agora, prontos.

INF1 Ando aqui para ver se me lembrava [ABldo p-, do prin-] do príncipe Brilhante, mas não me alembra.

INF2 Não é preciso ser muito grande que é para não ser muito maçador. [ABIMas]

INF1 Hã?

INF2 Há uns muito...

*INQ Ai, eu gosto daqueles que são muito grandes!*

INF2 [Risos] (Coitada)!

*INQ Contaram-me um em São Miguel que lhe levava para aí duas horas a contar.*

INF2 Anda lá.

*INQ Um que era do Príncipe Siri.*

INF1 Este era [ABldo] {pp} do Zé Pequeno {pp} e dum príncipe. {pp} Os contos são todos feitos {pp} do mesmo feitio.

*INQ O senhor já fez algum?*

INF2 Contos?! Muitos.

INF1 Não.

INF2 É, ele contava muitos. Sabia contar muitos, (ele).

*INQ Mas era o senhor que os fa-, que os inventava, não é? Sabe como é que se faz...*

INF1 Não. É livros [ABlque] de histórias que eu ouvia ler. Aqui há livros de histórias. Ainda temos aí.

Ainda tem ali... Que é do nosso livro?...

INF2 Não sei (onde isso pára).

INF1 Temos ali os Sete Anõezinhos; temos livros... Aí há-de haver livros aí com contos. Eu não sei ler.

INF2 E sabes que tinha [ABlum] um desses e depois emprestaram-no e nunca mais o deram.

INF1 E é bruxas. {pp} Mas eu parece-me que eu botei numa mala ainda livros dos tais ainda aí.



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC04-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balbino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> Analfabeto
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> <b>Cassete nº:</b> 1APICb01b <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 21:34-36:59	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 04	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF Havia um casal que tinha três filhos, mas {pp} este mais velho {pp} [ABlnão ti-] não era bem aberto, assim, era meio toleizão. {pp} E{fp} o mais moço mais a mãe, eram pobrezinhos, o que é que fazem? O mais moço disse: "Ó pai, eu vou-me correr terras"! E o pai disse: "Ó filho, tem este irmão [ABlque não é bem, bem] que é [ABlmei-] meio 'atoleizado', porque é que {PHlnũ=não} {IPlta|=estás} com nós aqui em casa, para ajudares o pai e a mãe"? Ele disse: "Não, pai. Nós somos pobres e vê-se tanta {pp} gente rica. {pp} Eu vou correr terra para ver se ganho {pp} (rolha), para a gente ser ricos como os nossos vizinhos". {pp} E o pai vai: "Pois hás-de ir, filho"! {pp} Chegou lá um dia, ele disse: "Ó pai, vou caminhar hoje"! E{fp} o pai disse: "Pois hás-de. Vai quando quiseres. Agora, tu queres a minha {PHl'bēsẽ=benção} ou queres dinheiro"? {pp} E vai o filho, virou-se {CTlpr=para o} pai, ficou assim a pensar e disse: "Pois, [ABlo{fp}] a {PHl'bēsẽ=benção} do pai é muito bom, mas o dinheiro ainda é melhor. Eu vou-me governar vai ser com o dinheiro, não vou-me governar com a {PHl'bēsẽ=benção} do pai". O pai deu-{PHlli=lhe} um saco de dinheiro e ele caminhou. {pp} Foi andando {pp} por essas terras fora, quando chegou a um certo lugar{fp}, o {PHl'õmi=homem} com o saco do dinheiro às costas – que o pai {PHlnũ=não} deu-{PHlli=lhe} a {PHl'bēsẽ=benção}; lá caminhou, o pai {PHlnũ=não} deu-{PHlli=lhe} a {PHl'bēsẽ=benção} –, um saco de dinheiro às costas, os 'ladrões' viram-no, deram-{PHlli=lhe} fogo, mataram-no, roubaram-{CTllu=lhe o} dinheiro. A cabo de um ano, o acima [ABld-, deste] deste mais moço – [ABlac-] acima do mais moço – disse: "Ó pai, o meu irmão com certeza que {PHlnũ=não} aparece é que vai muito bem {pp}. Também vou-me correr terras". E o pai disse: "Ó filho, pois então eu fico só com mais tua mãe e este desgraçado aqui... Mas se quiseres 'dir', vai". {pp} Pegou em si, aparelhou-se para caminhar. E o pai foi assim: "Mas {pp} queres a minha {PHl'bēsẽ=benção} ou queres dinheiro"? E ele disse: "Ó pai, eu antes quero dinheiro que o meu irmão governou-se foi com o dinheiro; eu também quero-me governar é com o dinheiro, {pp} que é melhor". Lá caminhou. A cabo de um ano, nunca mais houve resultado nenhum {pp} de família

nenhuma [ABldeste] desse casal. {pp} O mais tolo, que era tolo, o mais velho, foi assim: "Ó pai, (eu era) /{PHlu'ɛrɛ=houvera}\ de ir correr terras que os meus irmãos {IPltẽw̃=estão} bem! {PHInũ=Não} aparecem, então {IPltẽw̃=estão} bem"! E o pai disse-{PHlli=lhe}: "Ó filho, tu hás-de ir, se quiseres 'dir'. O que é que queres? Queres dinheiro ou queres a minha {PHl'bēsɛ=benção}"? "Ó pai, o dinheiro é muito bom, mas eu antes quero a {PHl'bēsɛ=benção} do pai". E o pai vai, deitou-{PHlli=lhe} a {PHl'bēsɛ=benção}, deu-{PHlli=lhe} uma coisinha de dinheiro {CTlpa=para a} viagem, e lá caminhou. [Som de passos] – Viva! – E lá caminhou. Foi andando, andando, e quando vai {pp} encontrou uma velha – {pp} muito velha! {pp} Ele, ao mesmo tempo, encontrou um {PHl'ɔmi=homem}, um perfeito {PHl'ɔmi=homem}, um {PHl'ɔmi=homem} de corpo. {pp} E vai o {PHl'ɔmi=homem} – com um cão pintado de branco e de preto, um cão muito grande, e com uma espada muito grande –, {pp} e vai o {PHl'ɔmi=homem} foi assim: "{PHl'ɔmi=Homem}, o senhor {pp} para onde é que vai"? Mas este tolo levava um bordão de ouro, [ABlum b-] que o pai {PHlli=lhe} tinha oferecido. "{PHl'ɔmi=Homem}, vou correr terras". "{PHl'ɔmi=Homem}, o senhor, onde é que foi buscar este bordão"? "Oh, isto é uma oferta que o meu pai {fp} me deu". "Olhe o senhor, {pp} se o senhor desse-me este bordão, eu dava-{PHlli=lhe} esta espada e este cão. {pp} Olhe, este cão faz tudo o que a gente {PHlli=lhe} manda; e esta espada também faz tudo o que a gente manda. Se o senhor disser: "Minha espada, corta o pescoço {pp} àquele {PHl'ɔmi=homem} ou àquela senhora", corta logo; se o senhor mandar este cão fazer uma maldade qualquer, ele faz também". "Diacho! Isto é uma oferta do meu pai e eu vou-me correr terras, mas o senhor, se é assim, o senhor... Ou então eu dou-{PHlli=lhe} o bordão". E o {PHl'ɔmi=homem} vai, dá o bordão e o outro dá o cão e dá a espada. Caminhou. Foi andando, andando e quando é que encontra... {pp} Mais adiante, encontra um indivíduo (e pensa) que é o mesmo {PHl'ɔmi=homem}: "Mas eu vou experimentar esta espada". O {PHl'ɔmi=homem} tinha-{PHlli=lhe} dado a volta para ver se roubava a espada e o cão a ele. E era um {PHl'ɔmi=homem} muito gordo. Ele foi assim: "Minha espada, corta o pescoço àquele {PHl'ɔmi=homem}"! A espada saiu [ABlde] da mão do {PHl'ɔmi=homem}, foi lá e cortou o pescoço do {PHl'ɔmi=homem}. Ficou muito contente. Caminhou com a espada e com o cão. Foi andando, andando, muito ao longe, por longe, e quando encontra outro {PHl'ɔmi=homem}. "{PHl'ɔmi=Homem}, isto (hoje) é que é o mesmo homem. Eu matei-o. Mas é que é o mesmo {PHl'ɔmi=homem}". {pp} Mais um {PHl'ɔmi=homem} com uma espada e com um cão igual – igual ao seu! E vai o {PHl'ɔmi=homem}, chegou-se para ele: "{PHl'ɔmi=Homem}, o senhor, {pp} por onde é que anda"? Mas ele roubou o bordão [ABl{PHlɔ=ao}{fp}] {PHlɔ=ao} outro que tinha matado. E ele vai, foi assim: "Ah, pois este cão... Ando por aí correndo terras, topei ali fora um senhor, assim, assim, e trazia dois 'bordões', e depois ele perguntou se eu queria trocar o bordão {PHlpu=pelo} cão e por esta espada, que esta espada fazia assim, assim, assim, desta forma, e o cão fazia... Afinal, eu troquei". "{PHl'ɔmi=Homem}, este é um irmão meu. A gente anda... Somos dois 'ladrões', andamos roubando". {pp} "Se ele não tem precisão deste cão e desta espada, eu também não tenho precisão

[AB|da minha] do meu cão e da minha espada. O senhor quer-me trocar este meu cão e esta espada [AB|esta esp-, p-] {PH|pu=pelo} seu bordão"? E vai: "Sim senhor". E vai o tolo, vai, troca logo. Ficou com duas espadas e com dois cães. Pegou em si, foi andando e foi assim: "Não, eu vou matar aquele {PH|'omi=homem}. Ó minha espada, mata aquele {PH|'omi=homem}"! E vai, mata o {PH|'omi=homem} com a espada. Porque ele {IP|'tavẽ=estava} com medo de ele o querer roubar. Já muito longe, muito longe – mas tirou o bordão outra vez, isso tirou o bordão –, topa uma velha {PH|'mujtẽ= muito} feia, uma velha muito gorda e {PH|'mujtẽ= muito} feia! "{PH|'omi=Homem}, o senhor e tal, o que é o senhor faz por aqui"? A velha conheceu os cães {pp} e as espadas. "Ah, correndo terras, porque os meus irmãos foram, no passado, assim e assim"... E vai ela disse: "Olhe, o senhor, quem é que {PH|li=lhe} deu estes cães ao senhor"? "Ah, foram dois homenzinhos que eu topei acolá fora. Eu trazia [AB|lum bordão] três 'bordões' e cada um queria o seu, deram-me estes cães {PH|pu3= pelos} 'bordões'. "Pois, olhe o senhor, estes homens, (os tais), eram meus filhos. São {PH|'mew=meus} {PH|'fi'lu=filhos}. Ele são dois 'ladrões'. Andam adiante roubando e matando, e eu ando atrás com este assobio pondo-os vivos. Portanto, se eles não têm precisão {pp} [AB|deste] {pp} da espada e dos cães, eu também não tenho precisão deste assobio. O senhor quer [AB|mo{fp}] trocar este assobio por este bordão? Ele quer-me trocar [AB|o{fp}] o bordão por este assobio"? "Sim senhor". {pp} Vai, o {PH|'omi=homem}, troca. O {PH|'omi=homem} chega mais adiante, foi assim: "Ó minha espada, traça o pescoço àquela velha"! E a espada vira para trás e traçou o pescoço da velha. E ele disse: "Agora vou experimentar se o assobio [AB|se é] {pp} se é certo". Vira para trás, bota o pescoço da velha encostado, assobia, a mulher fica viva. Vai de carreira. "Minha espada, corta o pescoço daquela velha"! Cortou, deixou a velha morta e caminhou. [AB|Foi em cata] Foi [AB|em cata de] em cata dos irmãos – por os irmãos. Foi andando, andando, muito longe, e quando vai, chegou a uma aldeiazinha {pp} e vê tudo ali [AB|a] a falar: "Fulano morreu; fulano {fp} morreu; fulano, o bicho comeu" e calou-se. Ele calou-se muito bem caladinho e sai para baixo, sai para uma cidade. Quando chega à cidade, vê [AB|a esc-] a cidade (toda escura), tudo de luto: {pp} janelas fechadas, cortinas pretas, tudo de luto. E {PH|'pegẽ=pega} em si, foge [AB|pa-] {CT|pa=para a} aldeiazinha. Chega acima à aldeiazinha, e [AB|pe-] {pp} {PH|'pegẽ=pega} ali a falar {pp}, e quando dizem que era um... Havia no mato, {pp} nas serras {pp}, um bicho de sete cabeças, {pp} chamado fera. E tinha arrasado a cidade {PH|o=ao} rei, que o rei tinha de dar uma sentinela todos os dias. E o rei vai, o que é que faz? {PH|'pegẽ=Pega} em si e bota uma sentinela todos os dias naquele lugar, onde aquele bicho tinha dito {PH|o=ao} rei; {pp} que se o rei não botasse, o bicho chegava à cidade, arrasava a cidade. Mas eram tantos, já estava o povo todo virado contra o rei, e o que é que o rei faz? O rei tinha uma filha. E o rei vai e bota por bilhetes, por sorte, quem é que ia {pp} para cima, para guarda. Todos os dias a guarda faltava! {PH|nẽ=Não} tinha... Quantos caíam lá, quantos faltavam! Ia cada dia um guarda (...) para o bicho comer, bem se sabe. E a cidade, quando [AB|{PH|li=lhe} botou] saiu a sorte à filha do rei para ela 'dir', a cidade botou logo luto. E este {PH|'omi=homem} sabe disso e {PH|'pegẽ=pega} em si e perguntou {pp} onde é que era isso. E eles disseram onde é que era e a que distância da aldeia. [AB|E

aproxim-] (Ele) no dia adiante, àquelas horas que disseram que a filha do rei saía de casa, ele aproximou-se fora da casa do rei. O rei vestiu a roupa toda melhor que tinha à filha. Os vestidos todos que ela tinha melhores, vestiu-os todos, em si. E caminhou, [ABlum] um carro pô-la lá naquele lugar. E ele {PHI'tavø=estava} ali ao pé quando viu a carruagem a sair com ela, foi assim: "Arranca-{PHIli=lhe} Olhos! Agora, Portais"! – que era o nome dos cães. "Faz favor de acompanhar aquela mulher onde é que ela vá ter". E os cães largaram-se atrás da carroça. E o {PHI'õmi=homem} ficou cá. [ABlQuando tinham] {IPl'tēdu=Estando} a mulher lá, {PHlvi'nerēw̃si=vieram-se} embora... [ABlQuando chegou] Os cães voltam para trás, {PHlvi'nerēw̃si=vieram-se} ficar com o {PHI'õmi=homem}... Pegou no {PHI'õmi=homem} e caminhou; o {PHI'õmi=homem}, foi-o sempre a guiar, o cão – ouviste? Os cães foram guiando o {PHI'õmi=homem}! Quando chegou lá, {IPl'tavø=estava} a filha do rei {pp} a chorar. [ABIE ela perg-] E ele perguntou {pp} ela o que é que tinha. E ela {IPl'tevi=esteve} dizendo. {IPl'tevi=Esteve} contando [ABlque] que era um bicho, [ABlse{fp}] uma fera de sete cabeças, que tinha pedido ao rei {pp} todos os dias uma sentinela, e que depois que já {IPl'tavø=estava} {fp} muito pessoal já morto, e, com o horror, já {IPl'tavēw̃=estavam} virados {PHlõ=ao} rei, e que o rei botou foi {pp} por sortes e que tinha saído a sorte a ela para ir lá para cima, e que ia morrer. E ele disse: "Não morres"! E ela foi assim: "E o senhor como é que {pp} sabe que eu não {PHI'mõri=morro}"? "É que {PHInē=não} morres! {fp} Dá-me um beijo. {pp} Tu {PHInē=não} morres"! E vai ela, sabia que ia morrer e dá-{PHIli=lhe} um beijo. Ele vai com a sua espada por trás e corta a beira do vestido. Demorou a abraçar a ela e corta a beira do vestido e meteu na algibeira. {IPl'tevi=Esteve} ali assim: "Está bem. Eu vou-me deitar aqui mais tu. Vais-te sentar {pp} e eu vou-me deitar a minha cabeça [ABlno, no] no teu colo. Quando tu sentires este bicho, acorda-me, que {IPl'to=estou} muito cansado"! E ela disse: "Sim senhor". Deitou-se. Ela assentou-se no chão, ele deitou a cabeça [ABlno] no colo dela, e ela {PHI'va|=faz} {pp} confiança em ele dizer que ela não morria e coisa; mas sempre a chorar, {PHlʒɔl'gēdu=julgando} também que ia morrer também, e dizia que ele fosse retirado, que retirasse [ABlque ia morr-] que {PHlmu'riēw̃nuʒ=morriam os} dois. E ela vai, {PHlø'pegø=pega}, {pp} no seu choro, a coçar-{PHIli=lhe} assim na cabeça; e ele vai e {PHlø'pegø=pega} no sono. {pp} E ele vai, quando sente o chão [ABla estre-] a estremecer. Sente o chão a estremecer e vai, acordou-se espantado. "O que é isso"? E ela disse assim: "Pois é o bicho que já vem chegando"! "Então não me dizias nada"? Ela disse: "Porque é que tu vais morrer? Morres"! "Não morro"! O bicho vinha chegando. Uma 'arazinha' longe, e ele foi assim: "Minhas espadas, cortam aquelas sete cabeças duma vez"! A espada foi, e cortou-{PHIli=lhe} as sete cabeças duma vez. E ela ficou lá. E ela vai e disse logo que casava com ele. Era uma filha dum rei! E ele disse que sim. [ABIE{fp}] E ele foi às cabeças e cortou... Ele tinha sete línguas. Cortou-{PHIli=lhe} sete pedacinhos das línguas. Embrulhou num pedacinho do vestido dela {pp} e meteu na algibeira – arrumado na algibeira. E ela, quando chegou à hora... [ABlA sentinela] Todos os dias ia uma sentinela para cima àquela hora. [ABlChegou] Eles chegaram lá acima

[AB]com a sen-, com a] com outra sentinela, com [AB]lou-{fp}] outra guarda, [AB]IPI'tavẽ=estava]]  
 {IP}I'tavẽ=estava} a rapariga viva. Não a trouxeram, deixaram-na lá, porque ela {IP}I'tavẽ=estava} viva.  
 Voltam para baixo, quando {PH}I'virẽw'ne]ti=viram este} bicho morto. Mas o {PH}I'õmi=homem} tinha  
 desaparecido. Isso o {PH}I'õmi=homem} tinha desaparecido. O {PH}I'õmi=homem} disse que vinha  
 depois ter a casa, até ao palácio. Porque o {PH}I'õmi=homem} tinha desaparecido. Depois vai para cima  
 o rei e vai esta tropa do rei, para cima, buscar esta mulher que "estava viva", "estava viva". Há uma  
 grande alegria e quando toca a botar [AB]lo] o 'bate-fora', [AB]sol-] pois {PH}I'virũnu=viram o} bicho  
 morto, cortado, com cabeça e isso, tudo picado. Quem é que tinha matado aquele bicho, casava com a  
 filha. E a filha vai e disse quem é que tinha sido. Tinha sido um {PH}I'õmi=homem} com dois cães, com  
 duas espadas. {IP}I'tevili=Esteve-lhe} lá dizendo, [AB]I{PH}Iõ=ao}, {PH}Iõ=ao]] {PH}Iõ=ao} pai. {pp} E  
 quando se parece, um sapateiro vai e reclama que ele que tinha cortado as cabeças do bicho, e que tinha  
 salvado a filha do rei. {pp} Toca o rei a chamar o sapateiro para o sapateiro casar com a filha. A filha  
 quando viu o sapateiro disse ao pai que não era ele. E ficou sem falar. Mas o pai, como ele tinha  
 palavra de rei, e obrigou a filha, como ele tinha dito, [AB]la casar] a casar com ele.  
 {IP}I'tavẽw̃si=Estavam-se} aparelhando para casar e este homenzinho vinha cá à {PH}Ia†'dejez=aldeia}  
 e ouvia dizer que a filha do rei que tinha escapado e tal, mas que ia-se casar com um sapateiro, tal, e  
 esta coisa assim. E o gajo andava por ali e vai na véspera do dia de ele se estar a casar e manda os cães  
 lá à casa do rei, {PH}Iõ=ao} quintal, fazer perca, lá {PH}Iõ=ao} quintal do rei. E os cães foi fazer perca  
 {PH}Iõ=ao} quintal do rei. Os cães eram como uns 'cristães', tudo o que se mandava fazer, eles faziam.  
 {pp} Bem, [AB]tal com] tanto foi que foram fazendo perca, foram fazendo perca, tanto o rei que não  
 pôde e vai... Mas ele ela quando viu os cães disse {PH}Iõ=ao} pai: "Ó pai, o cão do esposo"! Dizia  
 {PH}Iõ=ao} pai. Só a fala que ela dizia é quando via os cães. Os cães caminhavam, o rei {PH}Inũ=não}  
 sabia nada dos cães. Ninguém sabia mais dos cães. [AB]IO rei] Foram andando e na véspera de casar e  
 tanto foi que o rei obrigou-a e fechou o sapateiro e ela num quarto, {pp} para casar com ele. Não havia  
 maneira nenhuma! Quando no dia do casamento, obrigada a casar, {pp} veio o dia do casamento e toca  
 a caminhar [AB]para ele] para se casar, aparelhar-se [AB]para se] para se casar. Este homenzinho que  
 era dos cães e da espada e sabe o dia do casamento e vai, bota-{PH}Ili=lhe} à casa do rei {pp} a pedir  
 uma esmola. Ela, vestida de noiva para casar com o sapateiro, sem falar com o sapateiro, e quando vê  
 este homenzinho disse: "Ó pai, o"!... "O" queria dizer que o seu noivo, o seu marido, que era aquele.  
 Toca a chamá-lo para dentro. {PH}I'jẽmẽw̃nu=Chamam o} homenzinho para dentro, toca o  
 {PH}I'õmi=homem} já confessa: "Sim senhor. Por acaso foi assim passado". Então o  
 {PH}I'õmi=homem} {IP}I'tevi=esteve} contando a sua vida como é que tinha sido, com os seus pais e os  
 seus irmãos, essas coisas todas. E, por acaso, se o rei se quisesse saber [AB]la ve-] bem a verdade, tinha  
 os sete... (Porque) tinha vestido sete vestidos à sua filha, e todos os sete cada um de sua cor, e puxou  
 [AB]lo{fp} pa-] os sete vestidos [AB]pa-{fp}] – os sete pedacinhos de vestidos – [AB]para] {fp} para  
 {fp} testemunhas. Toca o rei de ir à roupa da filha, que ele {PH}Inũ=não} tinha dado por isso ainda. Foi

na roupa da filha, os sete vestidos todos cortados pela beirinha. E disse assim: "E o senhor para provas ainda, se quiser saber, vai às sete cabeças, vê se não faltam sete pedacinhos de língua. Também {IP|tẽw̃=estão} aqui". Bem, toca{fp}... Já {PH|nũ=não} se casou o sapateiro. Toca o sapateiro, toca a chamar a tropa toda e{fp} perguntar a ele o que é que se fazia a ele. A filha vai, toca [ABlo] a tropa e o pessoal, a vizinhança toda ali, a ver [ABlum{fp}] de justiça com o sapateiro. Foi chamar quatro cavaleiros dos seus, para uma encruzilhada do caminho, amarraram o sapateiro [Able{fp}] por uma perna e por um braço [Able] e meteram-lhe às esporas o cavalo e rebentaram o sapateiro ali. E lá ele casou, o tolo... {IP|ta=Está} o tal tolo casado [AB|com a, com a] com a filha do rei. E era tolo.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC05-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 00:26-06:15	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O lar e a cozinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 05	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF Olhe, eu vou-**{PHli=lhe}** explicar à senhora. Por exemplo, a senhora **[AB]tem** uma coisinha) comprou coisinha de levedura. Deita a fermentar na tigela, que ele depois a levedura cresce **{CT|pø=para o}** ar e fica cheia daquela espuma, é na altura que está boa. E depois, a senhora abre aqui dois ou três ovinhos, ou cinco ou seis, lá como a porção que queira fazer. Acaba por **{pp}** trincar a massinha bem trincada. Eu vou trincar aqui um bocadinho de farinha **{CT|pa=para a}** senhora ver. **{pp}** **[AB]Isto é com a{fp}** (Ele) deita-se aqui... Abre-se três ou quatro ou cinco ovinhos, lá a porção que a gente quer, conforme os quilos...

*INQ Mas vai estragar a farinha, agora?*

INF **{PH|nũ=Não}** faz mal nenhum. E**{fp}** a senhora depois é que **{PHli=lhe}** deita esta farinhazinha. Depois de estarem os ovinhos mexidinhos, se deita a farinha, deita a levedurazinha e depois é que vai amassando. Isto é só para ser assim uma explicaçãozinha para a senhora ver. **{pp}** Tenho já aqui, tenho os ovinhos e tenho a levedura e a senhora agora vai trincando esta massinha assim muito bem trincada – neste ponto! **{PH|nũ=Não}** há-de ficar mais mole do que isto. E a senhora agora tem um pacotinho de manteiga, volta e meia vai esfregando aqui um pacotinho de manteiga, para ir amaciando a massinha. A cabo disso, a manteiga só não resolve nada; tem que levar duas ou três colherinhas de gordura – dessa gordura do Pico. A senhora acabando isto, que fica assim no seu ponto, a senhora dali a bocado **{PH|ø'pegø=pega}** nesta massinha e pica-a toda assim, toda picadinha. Toda picadinha, a massa toda picadinha, **{CT|pa=para a}** massa ficar toda muito fina, para não ficar com nada de granito **{pp}** – assim toda picadinha. E vai amassando, e vai trincando, e vai trincando... Mas amassa isto uma hora ou duas, que isto tem de ser muito bem trincada. E eu agora vou tender o bolinho só **{CT|pa=para a}** senhora ver, mais ou menos, o que é. **{PH|ødi'pojz=Depois}** a gente faz assim um pão de massa. Fica isto um bocadinho em cima duma toalha; **{PH|pi'gemuž=pegamos}** na faca e vamos cortando assim **{PH|øž=aos}** bolinhos – **{IP|ta=está}** a **{RC|perce=-perceber}** –, dos nossos bolinhos assim. A senhora

faz vinte cinco bolinhos. A nossa moda aqui – que é a nossa – conta dois bolinhos que vai {CT|pɔ=para o} Espírito Santo. Fazemos isto assim, por aqui fora, assim uns quantos bolinhos assim, {pp} sempre assim. Fazemos vinte cinco 'pãozinhos' destes. Estão os vinte cinco 'pãozinhos' destes para a gente sevá-los...

*INQ Deste tamanho?*

INF Maiores.

*INQ Maiores.*

INF Porque a gente faz os bolinhos como... A gente faz os bolinhos como estes pratos nossos de sopa.

*INQ Rhã.*

INF Assim ou ainda maiorinhos. Isto vai então da opinião: a gente bota oito quilos, bota dez, bota doze, então vai da opinião da pessoa que queira fazer ofertas mais bonitas. E {PH|ɔdi'pojɜ=depois} de botar aqui vinte cinco bolinhos, a senhora {PH|ɛ'pegɛ=pega} num pilãozinho destes, caldeia com este.

{CT|pa=Para a} gente, se então sovar, {PH|nẽ=não} serem os vinte cinco bolinhos, ser só por doze vezes {pp} [AB|{PH| para nẽ=não}]. Dá menos trabalho, com os 'pilões'. E a gente dá-{PH|li=lhe} depois o nosso sovar é isto assim aqui, assim. Olhe, a gente vai sevando, vai sevando... Isto leva muito tempo, é trabalhoso! Vamos sevando, sevando, sevando, sevando, sempre assim, sempre assim. Esta massa tem que ser abertinha para [AB|fa-] ficar bem trincada. Não é como {IP|tar=estar} lavando roupa, que se molha a roupa e {fp} vai. É sempre assim, sempre aberta! Sempre aberta para se trincar muito bem! E {PH|ɔdi'pojɜ=depois} de ela {IP|tar=estar} – fica muito {CT|fi'ninɛ=fininha}, muito {CT|fi'ninɛ=fininha} – é que a gente enrola para dentro. Faz esta roletazinha aqui de roda, assim muito bem feitinha, muito bem feitinha – isto agora é só {CT|pa=para a} senhora ver –, e a gente faz isto em cima da mesa. Assim. {PH|pi'gemuɜ=Pegamos} aqui [AB| na faca, na f-] na garrafa, olhe, fazemos isto assim. Isto é num bolo grande. Fazemos isto assim. {pp} Quando o bolo {IP|ta=está} tendido, a gente {PH|ɛ'pegɛ=pega} neste chavãozinho para fazer a (cabana) mais pequenina, por causa que não tem (distância) para isso. Nós fazemos isto assim. {pp} Isto vai para cima da cama. Deita-se umas toalhas, põe-se em cima da cama. {PH|ɛ'pegɛsi=Pega-se} num copinho de água, a gente põe-o à janela. A gente [AB|tem] faz assim uma bolinha pequenina, enrolou-se aqui assim na farinha, deitou-se dentro do copo. Quando aquela bolinha vem {CT|pɔ=para o} ar, {IP|ta=está} na hora de a senhora largar a chama {PH|ɔ=ao} forno e cozer os bolinhos. Experimenta-se o forno com uma pisquinha de farinha alva. Há-de demorar um bocadinho só {CT|pa=para a} farinha endurecer uma pisquinha, que é {CT|pɔ=para o} bolinho ficar muito bonito e {PH|nẽ=não} ficar com muito solo. Mas antes de ir {CT|pɔ=para o} forno, a senhora {PH|ɛ'pegɛ=pega} num pauzinho e faz aqui um furinho em cada 'chavamento' destes. [AB|E di-] E (.../VB) no intervalo; leva aqui um furinho com um pauzinho, {pp} aqui. E aí é que {IP|ta=está} aí então o bolinho do senhor Espírito Santo feito. {pp} É isto assim.

*INQ E não lhe põe nada?... Ovo por c-, por fora, nem nada?*



INF Nada. Isto é só assim cozidos. Mesmo por si [AB]levam o, levam o açúcar] levam o açúcar, levam os ovos, a manteiga e a graxa. Mas não se deixa só... [AB]A presa tem que ficar sempre assim durinha, {CT}pa=para a} senhora poder tender, pois molinha [AB]não pode] não a pode tender.

{PH}nẽ=Não} pode rolar o bolinho, não pode tender, nem pode chavar porque depois ele

{PH}ẽ'pegẽ=pega} ao chavão. A gente depois, sem bolinho, a gente faz assim mas a massa quer vir aqui apegada.

*INQ O chavão é diferente dum lado e do outro, não é? ...*

INF {fp} É a mesma coisa, é a mesma coisa. Agora ele nalgum tempo, a gente chavava o grande aqui {pp}

*INQ Ah, no meio.*

INF [AB]le o] e os maneirinhos do lado, mas agora já o grande é que faz tudo. Como vamos acrescentando os bolos, vão ficando grandes, já a gente agora o mesmo chavão é que

{PH}mer'kemuz=marcamos} o bolo. {pp} Este é um chavão antigo.

*INQ Já não se fazem desses chavões?*

INF Fazem, ainda se fazem. Aqui [AB]leste] este Baldomero, que é aqui do lado de cima, ainda faz 'chavões' tal e qual. Mesmo se {PH}li=lhe} der este molde, ele faz outro igual. E quando não há, ainda é quem lhe faz outro (...) diferente! Agora este é um chavão antigo. Este era [AB]dumas] dumas tias da minha sogra. Esse chavão é da minha sogra e a minha sogra já tem oitenta e quatro anos.

*INQ E quanto tempo é que ele leva a fazer um chavão destes?*

INF Ah, [R]plisso é] isso ele faz isso depressa. Pois ele ainda demora que isso é ao torno, mas ele faz isso depressa. Isso é uma coisa que ele faz até às vezes num serão.

*INQ Acha que ele que me fazia um, se eu, se eu lhe pedisse?*

INF Pois então!

*INQ Ah, gostava tanto!*

INF É ir ali a casa do Baldomero, que ele é que faz. E ele fez já uns quantos {CT}pa=para a} freguesia.

Já fez uns quantos {CT}pa=para a} freguesia!

*INQ Para a população toda? [Risos]*

INF É isso.

*INQ Ele é carpinteiro, é?*

INF É. É mais próprio para assim para miudezas do que ser assim para coisas de casa. O Baldomero é assim.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC06-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 06:30-09:24	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O lar e a cozinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 06	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF Ah, sim. Fazemos filhoses, fazemos sopas doiradas,

*INQ No Natal?*

INF fazemos biscoitos. Sim senhora. Conforme. Às vezes, a gente sai que o trabalho não deixa a gente fazer tudo, faz-se uma coisa mais rápida. A gente chega... Ele um bolo doce, às vezes é preciso acender o forno. E assim as filhoses, a gente bate-as, deita-se a gordura {CT|pɔ=para o} tacho e fazemos ali um quilo ou dois de filhoses num instante. É isso assim.

*INQ Olhe, e estes bolos são só na festa, propriamente, na festa do Espírito Santo ou também quando se fazem estas promessas a meio do ano também se fazem?*

INF {CT|pɔ=Para o} Espírito Santo. [AB|Aquela] {pp} Também fazem. E eu também na minha casa, logo que tenho modo – que eu sou uma criatura que trabalho na fábrica –, mas logo que tenho, acendo o meu forno, faço três, quatro bolos de milho. Atrás, pego em dois quilos de farinha, que dá ali {fp} seis, sete, oito bolinhos, como a gente quer fazer o tamanho, faço. E depois, durante a semana, a gente quer um bocadinho de bolinho, ele torna-se molinho e macio, ele muita vez se mete na boca com um pingo de café e pronto!

*INQ Mas este faz-se sempre com farinha de trigo?*

INF É sempre, sempre. {PH|nũ=Não} leva nenhuma de milho. É sempre assim.

*INQ E como é que faz o bolo de farinha de milho?*

INF Ah, pois, (ele) a farinha de milho então é fácil! Porque a farinha de milho, a gente peneira-a dentro da nossa selha, a gente peneira, põe-se {PH|ɔ=ao} lume a ferver, deita-se uma mãozinha de sal, escalda-se, muito bem mexidinho, deixa-se a massa cozer um bocadinho, e depois quando ela vem, que [AB|a ge-] a massa {IP|ta=está} a querer arrefecer, a gente então mexe-a para [AB|nãõ] a massa não tomar o seu coirozinho por cima, para ficar boa. E depois, a gente amassa muito bem amassadinho, {PH|dej'temuz=deitamos} um punhado de farinha de trigo e lá [AB|enrol-] {PH|ømø'semuf=amassamos}, {PH|ëru'lemuz=enrolamos} o nosso bolo e tendemos e lá o cozemos.

*INQ E coze-se no forno de pão?*

INF É no forno, sim senhora.

*INQ Também se pode cozer neste?*

INF Neste? É à mesma, é à mesma.

*INQ ... É mais depressa.*

INF Há pessoas que fazem de várias maneiras. Até há pessoas que têm uma frigideira das de fogão, que ele fazem o seu bolinho no fogão. Mas então cá a gente é {fp} próprio é o forno. O forno é que a gente {PHli=lhe} larga um braçado de lenha, é que arde e que lá cozemos o nosso bolo. E atrás {PHlɛpruvɛj'temu} (=aproveitamos) fazer qualquer miudeza que {PHlprisi'zemuz} (=precisamos): ou uns biscoitos, ou assar uma carne, ou assar umas postas de peixe... {CTlpra=Para a} gente é conveniente é o forno da lenha!

*INQ Olhe, para assar peixe o que é que usa? Onde é que mete o peixe?*

INF É {fp} nuns tabuleirinhos que nós temos mesmo.

*INQ De barro, ou de?...*

INF Ou nuns tabuleiros de lata, ou uns que a gente tem. Por exemplo, (...) uns alguidarinhos antigos de barro, ou então nestes pírex que nós temos, que a gente deita... Mas eu, eu faço diferente. Eu ponho o peixinho em cima dumas folhas de vinha, ponho a assar juntamente com o bolo, o peixe fica rosadinho, tiro-o para fora; lá ponho dentro do meu pirexinho uma roldanazinha de cebola, ponho o meu peixinho, lá vai outra vez, ou uma coisinha de manteiga (ou) uma coisinha [ABle] de gordura; torno a pôr outra roldanazinha de peixe, outra roldanazinha de cebola, e aí é que faço então o meu guisadozinho. Outras vezes também o roso, e faço então como quem faz o molhinho a carne: só com a sua jamaicazinha, um pauzinho de canela, o seu {PHlklu'raɫ} (=colorau), [ABle] e lá {PHli=lhe} faço aquele molhinho só assim como é quem faz a carne, sem levar cebola... Assim é que eu faço o peixinho. Para ficar saboroso! Deita-se uma coisinha de malagueta, também é um petisco, com um copo de vinho! [Risos] {PHlnũ=Não} é verdade?!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC07-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 09:28-11:10	
<b>Assunto:</b> O lar e a cozinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 07	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05	

*INQ E, e assim pratos de carne próprios daqui? O que é que se costuma guisar mais, é carne de vaca, carne de?...*

INF É a carne de vaca e também galinha. Olhe a senhora aí, ontem foi dia de Pão por Deus, eu não comprei vaca, [ABlcom-] guisei foi uma galinha. {fp} {IP|'tivjɐ=Estive-a} amanhando e {IP|'tivjɐ=estive-a} picando, fiz a minha de vinha-de-alhozinhos, {IP|'tivjɐ=estive-a} rosando, e depois deitei-a dentro da panela de pressão com os seus temperinhos, {IP|'tavɐ=estava} consolando! [Risos] É assim. Tem que se fazer conta à vida. Não se pode só chegar à carne da vaca, que ela {IP|ta=está} cara.

*INQ E também mata porco?*

INF Mato sempre um porquinho todos os anos. {pp} Mato então sim (senhora).

*INQ Como é que faz as linguças?*

INF {fp}A gente pica aquela {PH|kɔrninɐ=carninha} dos lombos, dos quartos, das pazinhas e {PH|dɔj'temuʒli=deitamos-lhe} a nossa malagueta, os nossos alhinhos machucados, a nossa malagueta, e o seu vinagrinho, e o seu salinho. Vamos mexendo aquilo dois, três dias, de manhã e à noite, vai sempre se mexendo. E as {fp} tripinhas que é mesmo do porco, a gente mete-as caldeado com aquela carne para não ficar salgada, para ser saborosa. Acabante quatro, cinco diazinhos é que a gente enche a nossa linguça. Põe-se nuns pauzinhos, na rua, a escorrer aquele sumo; e depois quando é ali à noite, a gente põe no nosso fumeiro, faz-se um lumezinho de baixo para ela enxugar. E depois vai-se fazendo a nossa sopinha, numa grelha, com a lenha, levam aquele calorzinho, vai- {PH|li=lhe} dando aquele {fp} aromazinho pelo ar do calor, e é que ela vai enxugando. Acabante já de oito dias, quinze dias, já {IP|ta=está} rosadinha que é gosto de ver. Assim é que nós fazemos.

*INQ E a senhora ainda tem fumeiro?*

INF Ainda há fumeiro.

*INQ Mas não é em casa?*

INF É. Ele o fumeiro então é só dois pauzinhos que a gente põe. (Ele) é duas vergas e dois pauzinhos atravessados e vamos pondo a linguiçazinha estendida, ele quando se acende o forno ou se faz a sopinha. Porque (ele) /aí nessa altura a gente não usa o fogão; faz-se é: uma grelha com a nossa lenha para dar aquele calor para enxugar a linguiça. Claro que o fogão não dá calor para enxugar a linguiça. Por isso é que a gente... Com lenha é que a gente faz. É isto assim.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC08-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 11:12-16:43	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Adriana Cardoso <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 08	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ A senhora trabalha na fábrica, é?*

INF É, sim senhora.

*INQ Trabalha? ...*

INF Mas eu não trabalho efectiva. Trabalho só durante o Verão.

*INQ É nas conservas?*

INF É, sim senhora. {PH|trɐbɐ'kɐmuz=Trabalhamos} [AB|ɐm] em albacória, {RC|traba=trabalhamos} em bonito, em chicharro – {pp} estes peixinhos assim –, {PH|kɐ'balɐ=cavala}, {pp} É nos peixinhos que vai aparecendo {pp} é que nós {PH|trɐbɐ'kɐmuz=trabalhamos}.

*INQ Pois.*

*INQ E chega a esta altura do ano e as pessoas vão para casa e não ficam a ganhar nada?*

INF Olhe, minha senhora, ainda a semana passada ainda recebi o meu chequezinho. Fui lá quatro bocadinhos, já não foi dias por em cheio porque faltou óleo, mas ainda recebi novecentos e {fp} tal escudos, perto de mil. Ainda dá um jeitinho.

*INQ E à senhora também faz jeito trabalhar só uma parte do ano?*

INF É, sim senhora. Quando a fábrica abre... Ele eles queriam que eu entrasse de efectiva, mas eu {PH|nũ=não} pude entrar de efectiva porque eu sou sozinha e também gosto... Crio os meus bichinhos, crio o meu porco, crio as minhas galinhas, tenho o meu marido, tenho a minha filha, é preciso fazer almoço e jantar e ceia e agora de Inverno os dias são muito pequeninos. As manhãs não dá para fazer o serviço para se poder caminhar; e também a gente, à noite, já {PH|ʃi'gɐmuz=chegamos} escuro, não se pode. Já basta se ir trabalhando assim nesta época do Verão.

*INQ Trabalham lá muitas mulheres?*

INF Há-de trabalhar talvez para umas trezentas mulheres.

*INQ Também assim?... Só vão alguns meses?*

INF Assim, durante... Não senhora. Tem uma [RP|uma] parte delas, talvez aí para umas vinte cinco, vinte cinco a trinta, efectivas. Umas a bater latas, outras a enroupar latas, outras a fazer os caixotes para{fp} fazerem o embarque, {fp} outras na latoaria a fazer lata de Inverno para se poder trabalhar de Verão. Tem uma parte dos homens também que trabalham, porque aqui isso já acaba agora esta época, mas (engeiram-se) daqueles carris, daquelas coisas, a limparem aquelas ferrugens para chegar outra vez {CT|pɔ=para o} Verão, aquilo {IP|tar=estar} tudo oleado, {IP|tar=estar} tudo em ordem, e poderem mexerem no peixe. {fp}Quer dizer, dá sempre que fazer para umas certas pessoas todo o ano. Nascem para isso.

INQ *E a senhora tem vivido sempre cá?*

INF Como?

INQ *Tem vivido sempre cá?*

INF [AB|Eu sou] Eu sou mesmo daqui [AB|da] das Bandeiras.

INQ *Nunca esteve lá por fora?*

INF Não senhora. A senhora também é daqui do Pico?

INQ *Não, eu sou do continente.*

INF A senhora é do continente?!

INQ *Sou de Lisboa.*

INF Ah! Eu tenho uma cunhada minha que é [AB|na] {pp} em Amadora.

INQ *Ah!*

INF Mas ela agora {IP|ta=está} {CT|pa=para a} França. Tiveram aqui há dois anos. Têm três miúdos: têm um miúdo e teve dois gémeos. {pp} Mas {IP|tẽw=estão} bem lá, à conta de Deus. {pp} Eu então agora já {IP|to=estou} velha para viajar. [Risos] Já agora paro por aqui.

INQ *Não está nada!*

INF Tenho uma miúda com dez anos.

INQ *O quê? Que idade é que tem?*

INF Tem dez anos, a miúda.

INQ *A senhora?*

INF Eu já tenho quarenta e seis. Já {IP|to=estou} muito velha!

INQ *Está velha?! Está nada velha! Está óp-... Está ótima!*

INF (É uma vida!) Quarenta e seis, já {IP|to=estou} muito ruça. O trabalho come a gente. É verdade.

INQ *Está com uma cara muito novinha.*

INF Tenho quarenta e seis, o meu marido tem cinquenta; e tenho uma miudinha com dez. Já quando ela nasceu, ia fazer dezassete anos que eu {IP|tavø=estava} casada.

INQ *Isso é que foi uma surpresa!*

INF É verdade! Já não se fazia conta disso. Mas eu (...), eu aborreço-me com ela, às vezes, porque ela é assim viva – viva ou esperta! Ele a gente diz uma coisa e compreende aquilo; ou manda-se um mandaete, faz aquilo tudo. (Não se há-de dizer uma coisa, se ela) não é criança esquecida! Se {PH|li=lhe} eu disser: "Olha, tu vai {PH|o=ao} botequim e compra-me isto e isto assim"... E sabe

muito bem fazer as suas contas {PH|o=ao} dinheiro. Mas às vezes chateio-me, faz assim uma pergunta, uma pessoa aborrecida com o trabalho não tem pachorra. E eu agora outro dia, fui assim: "Ó Carla, cala-te! Tu não és do tempo"! E olhe a senhora que eu depois fiquei tanto preocupada! Chegou-se à tarde, {PH|o=ao} fim do turno da manhã, ela diz: "Ó mãe, diga-me como é eu não ser do tempo"? E eu queria dizer que ela já tinha vindo tarde e que já não tinha pachorra. E eu fiquei depois [AB|tan-] tanto surpreendida em ter [AB|respos-] respostas indecentes, que eles não têm culpa, não é verdade! E é assim. Pois eu tenho andado também com um cheirinho de gripe, {IP|'to=estou} meia rouca, constipada. Depois foi-me {CT|pa=para a} garganta.

*INQ Adoentada?*

INF Então a senhora veio dar uma volta por aí abaixo, então! Ver estes nossos picos, estas pedras negras e estes matinhos verdes.

*INQ Não é bonito?*

INF Não.

*INQ Não é?*

INF A gente, às {RC|ve=-vezes}, não acha, aqui isto.

*INQ Ah! É tão bonito!*

INF Há pessoas que vêm daí de fora que acham muito graça neste meiozinho – aquilo e essa coisa –; a gente vive aqui entre matos e pedras.

*INQ É muito bonito!*

INF Agora é verdade (que) há umas hortinhas aí, que a gente tem sempre as nossas hortaliças, calha muito bem!

*INQ Pois.*

INF Já nesses mundos deles, é preciso eles irem todos os dias {PH|o=ao} mercado, é preciso haver dinheiro grosso. E a gente já aqui, é os nossos nabos, é o nosso feijão, é batatas doces e é batatas brancas, é os nossos inhames, é tudo. {fp} Não se pode cramar. As hortinhas são fraquinhas mas dá disso tudo.

*INQ Claro.*

INF É isso.

*INQ É muito diferente! Viver aqui ou viver em Lisboa é muito diferente! É muito melhor viver aqui!*

INF É o que eles dizem.

*INQ A sua irmã gostava de estar em Lisboa? Na Amadora?*

INF Era uma cunhada.

*INQ Uma cunhada?*

INF Ela não era nascida de lá; era do Alentejo.

*INQ Ah!*

INF Ela trabalhava em [AB|va-]... Ela também trabalhava{fp} cá em Lisboa, que ela trabalhava por conta dum alfaiate. Trabalhou muito ano por conta dum alfaiate – onde ela estava. Eles estiveram cá há dois anos. Foram lá {CT|pa=para a} França, e estiveram cá há dois anos. Ela prometeu-nos vir dali a cinco anos. Vamos a ver. Tenho é muitas saudades dos miudinhos, que eram uns miudinhos que ainda



não tinham um ano e eram gémeos! Mas muito branquinhos, muito gordinhos, muito lourinhos, avermelhadinhos até do cabelo. Eram tanto engraçados, filhos da minha alma, mas é tanto longe!

[AB|Já no fim] Eles estranhavam mas {PHlodi'pojz=depois}... Eles estranharam muito mas já no fim {pp} ficavam comigo, aqui de noite, a dormir. E a mãe ia, às vezes, dar um passeio, mais o marido, iam ver-me isto aí, que ele gostava também de {PHlli=lhe} amostrar isto aí [ABle ela já] e ela gostava. Só estranhava muito é que não tínhamos luz. Mas nós agora temos luz. Assim como a minha casa, a gente chega-se à noite, eu faço o meu serviço aqui brancamente com a luz. Já é então uma animação. A gente {IPltave=estava} aqui, vivíamos muito apertadinhos sem uma luz, sem águas, sem nada... Águas, a gente tem nos nossos tanques, mas agora a luz, credo, Pai do Céu! É claro, é uma animação! Foi o melhor que fizeram foi a luz!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC09-C	
<b>Localidade:</b> Ribeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balduíno <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Baltasar <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 16:49-26:27	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 09	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Desde que a vigia anuncia...*

INF1 Ah! {IP|'to=Estou} a perceber já... {pp} Pois é, a gente, aqui, {fp} esperamos aqui a baleia aqui... Mais ou menos, {IP|'temu3=estamos} num local aqui de perto, nunca {IP|'temu3=estamos} muito longe, por causa de quando {IP|'temu3=estamos} {pp} para arrear. De forma que {fp} vinham lá, lá o sinal lá de cima é atirar um foguete. E a gente então lá vamos. {fp} A vigia por os rádios é que vai [AB|guiando] guiando a gente por ali fora, por ali fora. E lá é que ele então... O sítio mais ou menos donde ele vê {fp} que a baleia {IP|ta=está} – não é? –, manda parar a gente. E a lancha larga os botes. O bote além, isso é só bote que a gente {PH|'riɐ=arreia} agora – um bote. De forma que a gente afasta-se um bocadinho da lancha, porque, é claro, nunca ele manda largar [AB|no lugar] no sítio próprio da baleia. Manda um bocadinho desviado para [AB|ba-] a baleia não sentir [AB|{fp}] a lancha, {fp} o motor da lancha. E {fp} de forma que a gente faz lá o nosso cálculo, ele diz mais ou menos na direcção e lá esperamos. Em sendo baleia grande, que {PH|'tɛzi=esteja} mansa {fp}, aquilo é mais ou menos, {pp} uma hora, [AB|hora e u-] hora e um quarto que {IP|ta=está} por baixo, {pp} depois vem para cima flutuar. Em cima da água aquilo prrrr! {pp} Às vezes, costuma {IP|tar=estar}, sei lá, aí {pp} uns dez minutos, o máximo, [AB|nem] nem talvez esteja. Dez minutos, por cima, {pp} até ir para baixo. Portanto, a gente faz o nosso cálculo e lá vamos... A baleia, então, a gente {IP|ta=está} mais perto do lugar que podemos chegar, pois a gente rema para ela – ou remo ou de vela, também pode ser de vela, {pp} e de remos. {pp} E lá vamos então à baleia. Corremos a chança, procuramos a maneira como havemos de ir a ela... É que o mais conveniente é ir {fp} ou [AB|{CT|prɔ=por o}] por a banda da cauda, do rabo – ou que a gente [AB|cha-] {pp} chamará bem a cauda! – e a banda da cabeça, ao andar dela. É mais conveniente porque é mesmo é menos perigoso. Se não a gente saindo ao atravessado, temos que [AB|trav-] avançar por cima dela. De forma que é perigoso. De qualquer das maneiras é perigoso, mas assim é melhor. E {fp}, [AB| e há-de] vá,

trancamo-la, e ela {pp} se é boa, pois fica em cima da água. Ele, às vezes, pronto, {fp} fica acima da água, depois de a gente {PH|li=lhe} dar com o arpão. Depois de {PH|li=lhe} dar com o arpão, fica em cima de água. E a gente então vamos com as lanças [AB|le{fp}] para dar cabo dela, claro. (Há) lugares próprios e a gente temos que {pp} atacar por o lugar próprio para a matar. De forma que é só... [AB|le{fp}] Depois de {IP|tar=estar} {PH|'mortẽ=morta}, pois [AB|la{fp}] a lancha reboca

[AB|{CT|prɔ=para o}] {CT|prɔ=para o} lugar das fábricas. {pp} A gente faz-{PH|li=lhe} um buraco – não é? – na cauda {pp} [AB|le{fp}] e amarramo-la. Depois lá vão rebocando para as fábricas. E é isto é que é a baleia, mais ou menos, que a gente... O estilo que a gente usa por cá é isto! É mais ou menos isto. Porque, às vezes, pff, agarra-se um bocadinho de frescos aí fora, que é maus tempos, agarra-se, às vezes, maus tempos, mas... É uma vida como outra qualquer, mas, é claro, uma vida, às vezes, meio esquisita. Às vezes, agarra-se um bocadinho de mau tempo.

*INQ Quantas horas costumam estar no mar para pescar uma baleia?*

INF1 {fp} Não tem horas certas, senhora. {fp}

*INQ Assim uma, uma baleia que seja fácil?*

INF1 Ah, fácil é muito rápido, é muito rápido. Pois ele [AB|leu tenho] eu tenho que transpor as milhas que elas estão desviadas da costa.

*INQ Pois.*

INF1 Mas depois de estar lá, às vezes pode estar na coincidência de a gente chegar e ela sair logo a caminho. E ela ser de bom jeito, ela ser de [AB|bo-] bom modo, quer dizer, há baleia de [AB|bom] bom génio que a gente chega e tranca e mata rápido, não é? Acredite que o outro dia (...) apanhámos uma, {pp} acho que não levou bem uma hora, {IP|'tavẽ=estava} morta. Não levou uma hora. (Ele) entre largar e matar levou uma hora. {IP|'tavẽ=Estava} morta. {pp} Sim senhora. É isto só o que eu {PH|li=lhe} posso dizer [AB|como] que tenho passado.

*INQ Quais são as baleias mais bravas que se deixam apanhar?...*

INF1 As mais bravas?

*INQ Com mais dificuldades?*

INF1 As mais dificuldades é as baleias que {fp}... (É) a miúda, as de cardume, que estão... Bom, todas elas tem... Há umas mais más do que outras. [AB|Mas] Mas, aí, a gente, que custa mais a morrer que a gente temos aqui é a baleia que {IP|ta=está} para ser mãe.

*INQ Essa defende-se?*

INF1 Não senhora. É mais custosa mesmo de morrer. Não sei porquê. Não posso então {PH|li=lhe} explicar. Não tenho uma inteligência para {PH|li=lhe} explicar mais. A gente {fp} faz o mesmo que faz com as outras e custa mais a morrer. {pp} Não sei por qual é a razão. Mas [AB|mas is-] isso dá-se. As baleias que {IP|tẽw=estão} [AB|para ser mãe] para serem mãe, é mais custosa [AB|de] de morrer. {pp} Sim senhora. {pp} É isto o que é a nossa vida de cá. É a nossa vida de cá.

*INQ ...*

INF2 E a baleia quase sempre morre direita {PH|ɔ=ao} sol?

INF1 Ah, pois!

INF2 Agora me explique isso.

INF1 A baleia quase sempre, quando {IP|ta=está} para morrer... Que a gente conhece a baleia quando {IP|ta=está} para morrer. Que a baleia dá em {pp} tombar-se de lado, e tal, e a gente vê que {IP|ta=está} [AB|na] na hora de morrer. A gente é preciso ter muito cuidado nessa hora, porque nessa hora ela não se desvia da embarcação. A baleia quando {fp} {IP|ta=está} para morrer, {IP|ta=está} doida – não é? – para morrer, com as agonias; quer dizer, o animal também [AB|se-, so-] sofre agonias. A gente desvia-se mais, mas quase sempre morre com a cabeça direito {PH|o=ao} pôr-do-sol – quase sempre, quase sempre! Bom, há-de haver (ele) talvez alguma que não, mas ele são raras as que {PH|'fa|ǽj}=falham}. Quase sempre morrem com a cabeça direito {PH|o=ao} {pp} pôr-do-sol. {pp} Sim senhora. {pp}

INF2 (...)

INF1 Já lá estive. Já revirei algumas vezes, duas ou três vezes, e por lá também já quebrei. E já caí ao mar. Mas batem às vezes no bote e a gente [Ruído de palmas da mão a baterem uma na outra] são enviados. Mas, graças a Deus, até aqui nunca me pisei. Agora [AB|lo, o, o filho daquele] o irmão daquele, já se pisou. Já se pisou. Levou uma boa pisadela boa e até agora ele anda no doutor por causa disso. Mas eu, felizmente, ainda nunca me pisei na baleia. Uma vida um bocadinho arriscada, mas cá a gente começa de pequenos, nesta vida, rapazinhos novos.

*INQ Que idade tinha quando começou?*

INF1 Eu? Quinze anos.

INF2 E à proa?

INF1 À proa tinha dezanove anos. Comecei a ser trancador de baleia. Tinha dezanove anos. Arreando de trancador de meu pai. Tinha dezanove anos. Era praticamente um rapaz. E depois aquilo ficou-me a modos no sangue. Não sei porquê. Gostei sempre desta vida. [AB|À vezes até] Às vezes, (...) vê o homem da baleia {pp} um super-homem. Não é. {PH|'semu|=Somos} criados mesmo naquilo. E é de forma que a gente habitua-se àquilo e gosta daquilo, acha que aquilo é mesmo um desporto e gostamos daquilo. Quer dizer, embora até aqui tenha sido um bocadinho mal remunerado, tem sido mal pago. Agora sempre há mais [AB|lum ] uma coisinha. Temos {fp} o azeite que agora {IP|ta=está} mais bem pago, sempre agora a coisa sempre vai a estar melhor. {IP|ta=Está} melhor. Mas é claro, há também pouca gente, a dificuldade é de gente! Isto já houve aqui nove botes a arrear. {pp} E hoje {fp}, hoje há só um. E, às vezes, há dificuldades ainda para um só. Da forma que isto já foi! Quer dizer, já foi mesmo o pão desta freguesia, [AB|lo ar-, ba-] a baleia. Já foi o pão da freguesia. Claro, veio as outras vidas, como a {PH|a|vø'kørjə=albacória}... E sem ser a {PH|a|vø'kørjə=albacória}, houve esses emigrantes (...). A freguesia foi evoluindo e, é claro, deixaram o mar da vida da baleia, [AB|lmas] {pp} mas {fp} a vida da baleia, [AB|já quando eu era rapa-] eu quando era rapaz era o pão da freguesia. Era, sim senhora.

*INQ E há alguns rapazes novos a aprender, ou não?*

INF1 Pois, isso, sabe, os novos, {pp} vai aprendendo alguns mas é desses que não vão para {PH|a|vø'kørjə=albacória}, porque a {PH|a|vø'kørjə=albacória} {IP|ta=está} a dar mais. Muito mais!

*INQ Então o senhor acha que a pesca da baleia vai acabar?*

INF1 Creio que agora talvez não, porque agora [ABla coisa] o preço do azeite veio para cima um bocado muito grande.

*INQ Bem, mas daqui por dez anos, acha que ainda haverá alguém que pesque?*

INF1 Pois {PHInẽ=não} sei, senhora. {PHInẽ=Não} sei. Isto [ABla{fp}] {IP|ta=está} um bocadinho baixo. Ora, a gente {fp} aqui, eu mais o irmão daquele, pois {fp} pegámos nisto e temos vontade que isto se agunte. E vamos tentar [ABlito ague-] aguentar isto. E {PHInẽ=não} posso precisar se daqui a um ano, ou dois ou três, isto {PHInẽ=não} {PH|'tɛzi=esteja} melhor do que o que {IP|ta=está} agora. [AB|Até o-] Até o azeite como é que vai, pode calhar isto daqui a dois ou três anos {IP|tar=estar} melhor que o que {IP|ta=está} agora.

*INQ Porque da baleia apro-, aproveita-se tudo, não é?*

INF1 Sim senhora. Tudo, tudo. {pp} [AB|É só{fp}] Resta pouco. Resta pouco da baleia. Ossos e {fp} coiso, isso é tudo derretido, tudo dá {pp} farinhas e azeites e {fp}... Dá tudo. A baleia é uma coisa, é muito grande. Dá, dá.

INF2 E o mais apreciado [AB|lé] é o marfim dela.

INF1 É o marfim também. A dentadura. Oh! Hoje em dia {IP|'tasi=está-se} pagando já bem: a dois contos e tal, cada quilo; a dois contos e tal e até já dizem que a três. Até já houve uma {pp} proposta nas Flores, creio eu, [ABla{fp}] a cinco. Ouvi.

*INQ Eu sei que um, um dentezinho de, de baleia, assim, pequenito, que custa, para quem quiser comprar aí numa loja, custa quinhentos escudos.*

INF1 Sim senhora.

*INQ Quatrocentos, quinhentos.*

INF1 É, sim senhora. Mas a gente {IP|'tɛmusi=estamos-se} a referir {PH|ɔ=ao} quilo.

*INQ Pois, porque para vocês nunca é tanto.*

INF1 E da grada, nas Flores, a grada, disse-me o senhor Barnabé, que {fp} a baleia grada que um quilo de dente, que {IP|'tavɐ=estava} [ABla ci-] a cinco contos; e o da miúda a três.

INF2 {IP|ta=Está} a três contos.

INF1 [AB|Tem sido] Tem sido uma coisa em grande. Tem subido bem.

INF2 Isto {pp} se a {PH|ɫvɐ'kɔɾjɐ=albacória} descesse um pouco... Que a gente {pp} temos anos de crises também de pesca de atum. Se ela diminuísse um pouco, pois esta ia progredir mais um bocado.

INF1 Bom, nunca (era uma maravilha) porque {fp}...

INF2 Pois.

INF1 Baixar uma e levantar outra, acho não é bom. É bom é que as duas...

INF2 Pois.

INF1 Depois a gente também passa as dificuldades da pesca da mesma maneira, porque houve anos também de {PHInẽ=não} se ganhar nada na pesca do atum.

INF2 Pois. Também já os tive.

INF1 Já!

INF2 Já tive muitos.

INF1 E a gente, a baleia, pode-se dizer que é uma coisa, um ano mais, outro ano a menos, mas sempre se apanha. Há sempre dificuldades. [AB|Há sem-] Qualquer vida dá sempre dificuldades. Há sempre dificuldades. E é bom é que as duas aguentem. Isto há sempre...

INF2 Sim. E quase sempre para cima. É sempre bom.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC10-C	
<b>Localidade:</b> Ribeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balduíno <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Baltasar <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 26:34-30:34	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 10	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Olhe, qual foi o momento mais difícil que o senhor passou na pesca da baleia? Lembra-se assim de algum caso especial?*

INF1 Pois se tive algum caso especial? Não senhora. Eu nunca tive... Já vi, já revirei algumas vezes e já quebrei. Ele baleia já (.../VB) para o bote. Pois aquilo são tudo momentos difíceis, {fp} mas quer dizer, [AB|nenhum] nenhum foi {fp} assim que fosse marcado, não senhora. Já se passou alguns maus, [AB|mas] mas foram vários, não teve assim nada dum especial. Não senhora.

INF2 O mais difícil talvez de cá, seria meu irmão que poderia dizer alguma coisa...

INF1 Ah, esse {IP|ta=está} bem.

INF2 Quando quebrou... Quando o bote partiu, que levou foi oito pontos numa perna.

INF1 (...)

INF2 Esse é que {PH|li=lhe} podia dizer alguma coisa. E{fp} cortou-se [AB|na] na testa... Esse, o Barrabás, é que podia dizer alguma coisa. Agora o mestre Balduíno também já revirou e a gente lá fora quando se revira {pp}, a gente tenta é se salvar, não tentamos pensar no perigo. Naquelas alturas, não. E isto é [AB|como] como uma pessoa que gosta duma rapariga: quanto mais me bates, mais eu gosto de ti. A baleia é assim. Fomos criados nisto!

INF1 Ah! (...) Este senhor é assim. Vamos andando para aí com essa vida, pois é. Acontece {pp} coisas más lá fora, acontece coisas más. Mas, é claro, são várias que acontece e depois a gente já {IP|temu3=estamos} mais habituados, [AB|prát-], feitos à coisa, não é verdade? De forma que... {pp} Caso especial, [AB|nunca] por acaso, nunca tive. E oxalá que não os tenha. [AB|Já houve]

INF2 (...)

INF1 Já houve infelicidades nesta pesca. Aqui mesmo no lugar, já houve aí um rapaz que {fp} [AB|a baleia {fp}] o outro deu, tombou, e {fp} a linha, com certeza, pegou- {PH|li=lhe}, {pp} e lá o levou. Nunca mais apareceu. E já houve mais uns casos desses. Um nas Lages, creio eu, e outro na Calheta.

Mas isso já não é também do meu tempo. Este rapaz aí que morreu, que eu {IP|to=estou} falar, é acima de mim talvez uns três anos – três, quatro anos acima de mim.

INF2 Mas o Bártolo é do tempo [AB|do mestre] do mestre Balduíno de arrear à baleia.

INF1 É. É, é. Mas ele (novo veio assim), é mas é da Calheta.

INF2 Pois.

INF1 Pois. {pp} Pois, sabe, nesta vida tem 'havisto' também as suas coisas. Tem 'havisto' estas coisas. Mas eu, graças a Deus, até aqui, ainda felizmente, não as tenho assistido ainda assim muito. Claro, os tempos 'difíciles', os momentos 'difíciles' encontra-se; também já os encontrei. Mas, um caso especial, (não).

INF2 Isto o melhor era não acabar. Porque [AB|isto foi funda-] isto foi fundado com homenzitos tudo pobres. Entravam {fp} com três contos, ou mil e quinhentos, ou mil escudos... Com tantas dificuldades na vida e é que foram fazendo este progresso da vida da baleia. E chegou-se a ponto que nem toda a gente arreava a baleia aqui. Mesmo dos sócios, tão depressa o foguete atirava, o bote já

{IP|tavẽ=estava} na água. {IP|tavẽw̃=Estavam} ali de manhã só a vigiar o foguete da vigia.

INF1 Ah, pois!

INF2 O mestre Balduíno lembra-se disso. Eu já não me lembro disso mas o mestre Balduíno lembra-se muito bem disso porque já arreava nessa altura. [AB|E então]

*INQ O primeiro que apanhasse a baleia, o bote?...*

INF2 O bote ia e se houvesse um que fosse sócio, pois se não apanhou o bote, pois ficava atrás.

INF1 Bom, {fp} os botes aqui eram sociedade. Mas todos querem ir diante porque diante sempre calha melhor sorte, outros querem apanhar, para marcar.

*INQ Ganhavam mais os que iam adiante?*

INF1 Não senhora.

*INQ Não?*

INF1 Eram iguais. É tudo sociedade.

INF2 Quer dizer, podiam apanhar mais – que esta senhora está-se referindo a coisa. Podiam apanhar mais. Mas aquele que apanha {pp} faz um risquinho num cepo atrás, num cepo que ali tem, e quando chega ao fim do ano, diz: "Não, tu tens dez, mas eu tenho vinte. Tu tens catorze mas eu tenho vinte cinco". (Pois sortudo) /Pôs-se tudo\ é aquele que mais pode sair para ver se apanha a baleia primeiro de que os outros. É sim senhora. {pp} Mas o mestre Balduíno é dos homens batidos aqui porque, precisamente, começou de criança; depois andou dez anos {PH|o=ao} atum, não foi?

INF1 Ah, mais.

INF2 Mais? Doze?

INF1 Mais. Andei vários anos no atum. Vinte e três, creio eu, ou vinte e quatro. Vinte e quatro. Depois larguei e já {IP|to=estou} aqui à baleia [AB|já havia] já também há uns três anos ou quatro. Quatro é que é. Quatro. {pp} Quatro. {pp} E é isto, minha senhora.



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC11-C	
<b>Localidade:</b> Ribeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balduino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Baltasar <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 30:35-39:45	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 11	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Olhe, no, o bote, o senhor pode-me explicar como é que é um bote? De uma ponta à outra, os nomes das peçazinhas todas que ele tem?*

INF1 É {fp}... [ABIÉ um pou-]

*INQ Como é que é feito? Onde é que se começa?*

INF1 [ABIÉ um pou-] É um bocadinho difícil porque a gente, [ABLEstes] estes botes é de origem americana. [ABIE a ma-] O maior número das coisas [ABldos] dos botes {pp} é em palavras americanas.

*INQ Pois, mas...*

INF1 E a gente, é é um calão nosso que a gente diz; até pode não saber pronunciar.

*INQ Mas é esse calão... É esse calão que eu gostava de ouvir.*

INF1 Ah, gostava?! Pois. Posso é então... Posso-lhe dizer as peças do bote. Isso eu posso-lhe dizer.

Pois {fp} a gente usa, a gente chama o {PH|ʃtɐ'nwɔɫ=estanuó}, {PH|ʃtɐ'nwɔɫ=estanuó} é o remo do governo atrás.

*INQ Estanuó?*

INF1 [ABIEsta-] {PH|ʃtɐ'nwɔɫ=Estanuó}. Isto é uma palavra mal pronunciada com certeza, porque, é claro, isto deve ser um calão [ABlam-]... Isto é americano. Isto, a gente {pp} vai sempre de pais para filhos, dizendo as mesmas palavras, mas a palavra pode ser mal pronunciada. E depois tem [ABla{fp}] os raloques: é as forquetas que a gente põe [ABlo] os remos para remar, na borda do bote. {fp} A gente chama raloques. Tem o {fp} {PH|ʒɐ'rwɔpi=chòtuópe}: é o cabo que {fp} amarra os dois 'arpães' um ao outro, à mesma linha. Isso também [ABlé u-] é uma palavra americana.

*INQ Que amarra os dois arpões?...*

INF1 À mesma linha. {pp} Sabe?...

*INQ Mas então funcionam com dois arpões?...*

INF1 Sim senhora. Temos quatro. Mas quando é baleia grande, a gente {pp} dá-{PH|li=lhe} o primeiro e depois [AB|en-] logo, logo, logo rápido, segundo se pode, mete outro arpão na mesma linha. Amarra o cabozinho {PH|o=ao} arpão e {IP|ta=está} a puxar na mesma linha, com os dois arpões agarrados.

{pp} Falta aí o 'ópe', que é o cabo de a gente deitar a lancha {CT|pɔ=para o} reboque da lancha.

*INQ O 'óque'?*

INF1 'Ópe' {pp}. Tem o lansuópe: é o cabo que a gente amarra às lanças para lançar e puxar e matar a baleia. Tudo coisas {pp} americanas. E agora até tenho... Até no pano mesmo, tenho (...) o 'gafe'; também não é bem o 'gafe'...

*INQ O que é o 'gafe'?*

INF1 O 'gafe' é aquele pau que a gente usa em cima, que é em cima {pp} no pano.

*INQ Sim.*

INF2 Para botar o pano acima.

INF1 Botar o pano acima.

*INQ O mastro?*

INF1 Não senhora, não senhora. Não senhora. [AB|O pa-]

INF2 É engatado {PH|o=ao} próprio mastro. [AB|Vem lá parte do{fp}] Aquele pau leva o pano

*INQ Está bem.*

INF2 e fica em baixo o bumbo.

INF1 É o bumbo também. Em baixo é o bumbo.

INF2 E a {RC|esco=escota}.

*INQ O bumbo é o pau debaixo?*

INF1 É, sim senhora.

INF2 É, sim senhora.

INF1 É, sim senhora.

INF2 E é a escota da giba.

INF1 É, ele tem a escota – as escotas –, porque o pano da giba tem as escotas.

*INQ O pano da giba qual é?*

INF1 [AB|É, é] É o pano que vai por dentro do mastro. É um panozinho que a gente iça também por dentro do mastro que é para concluir a vela completa [AB|do] da embarcação.

INF2 Chamam àquilo a giba – gibra.

*INQ Giba ou gibra?*

INF1 Giba, gibra.

INF2 Gibra.

*INQ Um diz e o outro diz...*

INF1 Então vê, isso [AB|lé o que] é a conversa que eu acabei de dizer à senhora, a gente, isso é o calão que a gente traz dos nossos pais; e a gente pronuncia como os nossos pais pronunciaram, é só. {pp} E depois tem mais: [AB|tem o] tem os remos, temos umas {PH|pazi=pás} pequeninas – mais pequenas – que é para a gente remar de vela, em cima da borda, {pp} {CT|pa=para a} gente ajudar o bote a andar [AB|mai-] mais rápido – quando ele a {pp} brisazinha anda [AB|for-, fora] fraca, que eles dizem que é

fraca, o vento é pouco. {fp} Temos também um pinguinho – isto também é nome que não deve ser bem pronunciado – que é de deitar a água fora, [AB]para desviar, para] para aliviar os botes da água.

*INQ Aquilo que se chama noutros sítios o 'bartador'?*

INF1 Exactamente, minha senhora.

INF2 Exactamente, mas é diferente.

*INQ É diferente?*

INF2 É, sim senhora. É como um caneco antigo, que aqui usavam antigamente para beber água.

INF1 É de madeira.

INF2 É de madeira, redondinho, depois leva uma mãozinha assim, que a gente vai tirando com aquela mãozinha e despejando para fora. {pp} E por acaso, a senhora se quiser ver, pode ir ver ali {PH|o=ao} bote.

*INQ Ai, queria ver, sim.*

INF1 Pois. E tem aí então [AB]o {fp}] o balde também, que ele{fp} é um baldezinho, em madeira também, que é para a gente também deitar a água fora; e pôr água na linha quando a linha vai com muita velocidade. Quando eles trancam a baleia e a linha vai com muita velocidade, cria lume.

*INQ E tem de ter coisas na mão, para, para*

INF1 Não senhora. É as próprias mãos.

*INQ se protegerem, não é? É a própria pele?*

INF1 A pele, às vezes, leva. [Risos]

*INQ A pele serve de luva.*

INF1 Às vezes leva. Às vezes até leva. Empola as mãos! Aquece que empola as mãos! E chega a queimar a linha de ir contra o cepo, que a seguir vou mostrar [AB]melho-] à senhora, se quiser ver. Ela indo contra o cepo, pois, chega a queimar a linha, a enegrecer a linha. E faz fumo! De forma que deita-se água na linha por causa [AB]de amole-] {fp} de ficar húmida para {PH|nẽ=não} queimar.

INF2 E [AB]tem a] tem a espelha.

INF1 Para abrir o buraco.

INF2 E o meu sogro explica à senhora as três bandeiras que se usa dentro do bote.

*INQ Mas a espelha o que é?*

INF1 A espelha? [AB]É {fp}] Ele é aquela [RPlé aquela] ferramenta que a gente faz o buraco na cauda da baleia para rebocar –

*INQ Ah!*

INF1 é que é a espelha. E tem três lanças (...).

*INQ Mas a espelha tem de ser lan-, lançada também?*

INF2 Não, não.

INF1 Não senhora, não senhora.

INF2 É quando a baleia {IP|ta=está} morta, só para abrir o buraco.

*INQ Então já estão, já podem puxar a baleia para o pé do?...*

INF1 Exactamente.

INF2 Sim senhora. É passado um cabo como o Balduíno pode explicar...

INF1 É passado um cabo à baleia, {PHl=ao} rabo da baleia, para puxar mais acima, {CTlpra=para a} gente fazer onde for preciso o buraco, para passar o cabo do bote.

INF2 Mas já explicaste à senhora [ABlo] {pp} as três bandeiras? A branca, a vermelha e a azul.

INF1 Pois temos três bandeiras temos: [ABlbandei-] branca, vermelha e azul. Qual é o significado delas bem, bem certo? A gente puxa qualquer uma, mas [ABlhá] essas bandeiras têm um significado, a cor. A gente puxa... A gente vê a baleia, põe a bandeira vermelha no ar. Para dar sinal à lancha, ou chamar o bote da companhia ou outro bote, para a gente dar o sinal que a {IPlta=está} vendo. E para (permitir que se mate) [ABloutra ba-] mais que uma baleia, pois deixa-se a bandeira atrás, presa na baleia, {CTlpra=para a} gente ver {PHl=ao} longe a bandeira em cima [ABlda] da baleia, sabe? Tem a azul e a branca. A branca é socorro. É socorro. Para chamar... Quando a gente estamos naquelas [RPlnaquelas] ânsias, a gente [ABlbota] deita a mão a uma [ABle] e põe no ar e já sabem que têm de acudir, de qualquer maneira. É, sim senhora. Mas temos, temos isso. {fp} Eu creio que não tenho mais que explicar à senhora. [ABlTemos] Usamos também uma faca lá adiante, em caso de emergência, para cortar. E [ABluma] uma machadinha, caso se parta o mastro [ABldo] do bote, fazer [ABlum] um pé para botar no seu lugar. Às vezes, acontece; já se aconteceu. E para cortar também a linha num caso de rápido é com a machada. Corta aquilo, pronto: um homem laçado ou uma coisa pegada [ABlno] na embarcação. Ele caso estando o bote também pegado, pois se vai também bota. [Risos]

*INQ E tem, usa duas coisas de madeira para levar as cordas, não é?*

INF1 Sim senhora. Duas caixotas de madeira.

*INQ São caixotas?*

INF1 São caixotes grandes. {fp} Levam uns pares de braças, levam umas quantas braças. [ABlLe-] Deve de levar, sei lá... Não posso precisar bem as braças. Ele o Bartolomeu se estivesse aqui [ABlele dizia-lhe] sabia-lhe explicar isso melhor. Mas leva [ABlumas] centos de braças de linha.

*INQ Mas o senhor disse que agora já não usam as velas?*

INF2 Não, não.

*INQ Os panos?*

INF1 Usam, sim senhora. Até, por acaso, temos agora um novo. Usam, sim senhora. Então, Deus nos livre que não fosse. A remar?!

*INQ E com motor não dá?*

INF1 Já houve aqui [ABlum] um bote, aqui de São Jorge, e já o vi também aqui entre nós e

{PHlnẽ=não} vi que ele que fizesse a vantagem.

*INQ Porque a baleia ouvia-o logo?*

INF2 Logo, logo, logo.

INF1 Qualquer coisa, sim senhora. Agora, ele já houve botes daqueles que apanharam. Mas aqui eles não fizeram a vantagem; com aqueles nossos, não fizeram a vantagem. {PHlnẽ=Não} sei se aquilo se também não estava bem experimentado, se quê, não sei.

INF2 O bote a motor precisamente para baleia de cardume poderá dar resultado, agora em baleia grande {pp} nunca vai.

INF1 Mas eu também [ABlnão] não estou bem dentro do assunto, não sei.

INF2 Porque a baleia sente o tremor da hélice, só mesmo a coisa da hélice e aquilo vai-lhe lá a um parafuso e ela vai logo para baixo. Mesmo uma baleia grande ou coisa, não... E aquele que baleasse com a gente – que eu ajudei a baleiar juntamente com ele –, e aquele que baleasse com a gente em baleia grande nunca fez... Agora em baleia de cardume... Porque a gente, quando é cardume, a lancha vai acima delas [ABle{fp}] e às vezes pode calhar a dar uma lançada não na baleia que {IP|ta=está} trancada, mas sim noutra. [AB|Portanto, não] Só em cardume é que aquilo poderia dar resultado.

*INQ E o senhor com a sua experiência já sabe quando uma, quando uma baleia mergulha depois onde é que ela vai sair?*

INF1 Mais ou menos. Mais ou menos. Não é bem certas, não são coisas justas, justas. Mas a gente já calcula pela inclinação da cauda, que ela mergulha, levanta a cauda, e pela inclinação da cauda... A gente mais ou menos baseia-se naquilo. Agora hoje em dia não é tão fácil (ele) /a gente\ se basear nisso, porque tem muita lancha e pouco bote – mais lanchas e menos botes. De forma que antigamente era mais fácil de manobrar – não é? –, porque o homem tinha mais cálculos, mais justos, porque não havia as lanchas. A baleia ia para onde queria, mergulhava e a baleia ia para onde queria. Mas já hoje em dia, não é bem certo assim. {fp} Às vezes, as lanchas {PH|diʒ'viẽwnẽ=desviam a} rota que elas levam. Desviam. Mas quase sempre aproxima...

*INQ Quando elas vêem a sombra da lancha, vão embora?*

INF1 Não, não. [AB|É o] É o rumor. Mesmo que não esteja por baixo, se passar acolá que não vá muito [RPlvá muito] funda, pois a lancha passou, o rumor pode-a desviar na rota que ela vai. Sim senhor.

[AB|É o] Sente que é o rumor da hélice.

INF2 Aquilo basta passar uma lancha por cima mais ou menos donde ela saiu... Ela {IP|tẽzẽ=esteja} mansa, mas passou uma lancha destas (...) que temos por aí, passou por cima dela, ela já quando sai, já não sai da mesma maneira como se viu. Já sai com outros balanços e{fp} já fura, às vezes, as lanchas por baixo do mar [ABle{fp}]... E a gente (a prender)... Quando é uma baleia mansa, pois a lancha vai devagarinho, vai-a (levando) /rolando\ para onde quer, mais ao largo um bocadinho, e ela lá vai no seu caminho. Penso que é assim, não é mestre Balduino?

INF1 Ora é.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC12-C	
<b>Localidade:</b> Ribeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balduíno <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Baltasar <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 41:47-47:56	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20A <b>faixa:</b> 12	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ E o senhor ainda vai ao mar?*

INF1 Vou, sim senhora. Vou, sim senhora. Eu também tenho uma lanchinha a motor, pequena. Vou também {PH|o=ao} mar apanhar uns peixes para fazer também uns trocos, quando se calha. Ele o homem do mar tem que se deitar de qualquer maneira, porque, é claro, a vida {IP|ta=está}...

*INQ E com a lanchinha pequena vai muito longe?*

INF1 Ah, vou também ainda umas milhas! Não é muitas. Duas, três milhas. E, às vezes, vai-se mais. Eh, pá, não se pode se desviar muito pois {PH|e'r|iw=arreio} à baleia, não é? Pois se eu não arreesse à baleia, pois podia ir mais ou podia sair mais. Até cinco milhas pode-se ir lá longe no nosso canal, à nossa ponta de leste. Vão daqui em barcos lá. Mas a gente {PH|nẽ=não}... Eu por mim {PH|nẽ=não} vou, porque, é claro, tenho que {IP|tar=estar} aqui mais perto por causa da baleia. Se estou matriculado, tenho que cumprir a coisa. {pp} Sim senhora.

*INQ E o vigia onde é que está?*

INF1 {IP|ta=Está} lá numa vigia, lá em cima, que a senhora pode... Tem ocasião para ver, se sair para a rua, aqui no meu prédio, vê-a lá em cima. {IP|ta=Está} lá em cima, está lá em cima um bocado, acolá alto.

*INQ Está lá todo o dia?*

INF1 Esta vigia até {IP|ta=está} sem vigia. Ele o vigia {IP|ta=está} lá em cima [AB|no, no] no Arrife.

INF2 No Arrife.

INF1 No Arrife. Mas {fp} nos tempos que isto havia a influência da baleia, todo o dia, [AB|de manhã {PH|o=ao} so-], quer dizer, entre o sol sair {pp} até à tarde.

INF2 Até à tarde.

INF1 [AB|Até] Assim de Verão, até às seis, sete horas [AB|da, da] da tarde.

*INQ Mas num dia como hoje não valia a pena estar, ou valia?*

INF1 Ah, não, não!

INF2 Não senhora.

INF1 Não senhora. Não, porque ele não {IP|ta=está} capaz, não vale a pena estar lá. O homem da vigia vai fazer uma volta para si; claro, também tem as suas voltas, não é? [AB|E{fp}] E não está capaz mesmo. Não se pode arrear à baleia; com o tempo que {IP|ta=está} aí, {PH|nẽ=não} se pode. As embarcações [AB|são] são pequenas. {fp} Quem é que se metia naquilo?! {pp}

INF2 Pois isto aqui, precisamente, se fosse só a viver da baleia, [AB|por muito] o mestre Balduíno, ou o meu irmão, ou outro {PH|nũ=não} podia viver. Porque qualquer pessoa desses rapazes ou mesmo o mestre Balduíno {pp}, pois trabalharam um bocadinho na vida do mar e têm o seu bocadinho de dinheiro no banco, além disso têm os seus bocadinhos de terra, e não pagam renda de casa porque elas são suas. Pois se não está bom da baleia, o mestre Balduíno vai meter um pé de couve, ou uma batata, ou os seus legumes {CT|pa=para a} casa. Quer dizer, não se compra. Depois o peixe também, precisamente, não é comprado. Aqui o que a gente compra, na nossa classe marítima, é precisamente só a carne. O resto, que a gente tenta nas embarcações miúdas, {pp} fazemos mais ou menos {CT|pa=para a} despesa da casa durante o ano, {CT|pç=para o} dinheiro que a gente ganha – e depois juntamos – ou na pesca do atum ou qualquer coisa, pois esse dinheiro fica para nós um dia quando não podemos trabalhar, pois as reformas também são pequeninas... Hoje em dia, por {RC|lexe=exemplo}, {IP|ta=está} bem bom, sempre são dois contos e tal. Se a gente não tiver dinheiro no banco, pois nós não podemos viver como o meio de vida está. Por isso a gente tenta, enquanto somos novos, aproveitarmos o Inverno, {pp} porque se for só a olhar {CT|pç=para o} dinheiro da baleia, não dá para qualquer pessoa, qualquer um destes passar. Porque eles estão aqui precisamente... A {fp} matrícula é feita durante um ano. Durante o ano, no ano passado, vocês tiveram vinte oito – não foi? –, de soldada. Pois vinte oito contos de soldada é pouco dinheiro. Se não fosse os legumes...

INQ *Ao fim do mês?*

INF2 {PH|ç=Ao} fim do ano.

INQ *Ao fim do ano?*

INF2 {PH|ç=Ao} fim do ano. É pago {PH|ç=ao} fim do ano.

INQ *É muito pouco.*

INF2 Pois.

INF1 Ah, minha senhora, mas eu, nos princípios de baleia, {fp} ganhava-se a dois contos e tal por ano!

INQ *Tché!*

INF1 [AB|Uma]

INQ *Bem, mas também era noutra tempo em que o dinheiro valia mais, não é?*

INF1 Óbvio, não é?! Mas, mas ainda mesmo assim, era muito pouco! Eram dois contos e tal, três contos e coisa, três contos e coisa... Era pouco mais do que isto. Era sempre isto, mais ou menos. Dois contos e tal, três contos e tal. (Ele) era a média. Era a média. É claro que aquilo, às vezes, [AB|o{fp}] quando havia mais abundância de óleo, pois {pp} mais barato; quando havia [AB|menos] menos

abundância de óleo, {fp} às vezes, mais caro uma coisinha. [ABI E de forma que, e era] Mas era aquilo que a gente tinha de navegar a vida!

*INQ Olhe, mas e... Depois para o pescador da baleia, o dinheiro que ele recebe é calculado pelo peso da baleia que pescou ou pelos litros de óleo que ela dá?*

INF1 É, sim senhora, pelo litro de óleo. A gente {PHInũ=não} temos nada com as farinhas, nem coisa.

Isso {PHInũ=não} temos nada com isso! As farinhas é já da fábrica. [ABIA fábrica {fp}] A gente [ABItoma uma baleia] apanha uma baleia, vamos levar para fábrica. [ABIA fábrica] {pp} A gente tem uma baleia e é vinte cinco por cento {CTIpa=para a} fábrica. Vinte cinco? Creio que é vinte cinco. É vinte cinco.

*INQ Vinte cinco por cento de quê?*

INF1 Do óleo. E só nos cabe então as outras quatro partes.

*INQ E da farinha, não recebem nada?*

INF1 Não senhora. Não temos nada a ver com isso.

*INQ Não tem porquê?*

INF1 {fp} Isso já é a fábrica é que resolve isso; a fábrica não é nossa. A fábrica, (ele) só derreteu o nosso óleo. {fp} Mas é assim... Mas é: a fábrica só derreteu o nosso óleo e deu-nos só a percentagem do óleo que a gente (lhe) apanhou a [RPla] – como é que eu hei-de dizer – a vinte cinco por cento. Tirou para si, e o resto, ele é aqueles apuros que ela tira para si. É para si. [ABINão tem nada] A gente não tem nada com isso. Talvez muito bem visto, não é uma coisa talvez muito bem feita, que (ele) a baleia a gente é que a tomou.

*INQ Pois.*

INF1 Pois. [ABIMas]

*INQ Tanto tomou o óleo, como ...*

INF1 Exacto. Pois, mas é assim. Mas é assim. É assim, sim senhora.

*INQ Portanto, nunca pesam as baleias?*

INF2 Não senhora.

INF1 Não senhora.

*INQ Nem, nem há balança para isso... Nem deve haver!*

INF1 Pois talvez não haja. Talvez não haja. {pp} Olhe, sei lá.

INF2 Até o próprio sangue da baleia é aproveitado na fábrica. Pelo menos aqui na das Lages era. Para juntar à farinha de carne. {pp} Eu até cheguei a ir lá uma vez ou duas, na altura que eles [ABItotam a] deitam a farinha de carne para secar, botam- {PHIli=lhe} o sangue para dentro para ficar a farinha mais avermelhada. {pp}

INF1 De modo que é assim.

INF2 Nós éramos sócios aqui numa fábrica, {pp} quer dizer, nós, o mestre Balduíno, o meu pai, e esses que são sócios, que isto é de sessenta e tal pessoas ou setenta e tal no ano em que estamos.

INF1 Não sei bem os sócios, a quantidade de sócios.

INF2 Mais ou menos. Isto é uma...

INF1 Pois é bom, mais ou menos.



INF2 Mas essa fábrica trabalhou vinte e oito anos {pp} sem nunca prestar contas a sócios. Depois veio o senhor Basílio, Bebiano Basílio, comprou essa fábrica, tal, depois quis fazer aí umas propostas [AB|para c-] para a compra de óleo... Isso até meu irmão é que poderá explicar uma coisa melhor. {pp} No fim {PH|o=ao} cabo, ela está fechada.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC13-C	
<b>Localidade:</b> Ribeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balduino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Baltasar <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 48:23-49:48	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 01	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF1 Aqui há [ABluma dú-] uns oito ou nove anos – não é? – é que se fala nos dentes da baleia.

INF2 Não, ou mais talvez.

INF1 Ou mais talvez.

INF2 Mais talvez.

INF1 Já há que tempos são levados...

INF2 [ABlHá criaturas] Há criaturas que [ABltêm] têm muito dinheiro em dentes.

INF1 Há ali um tipo da [ABlCa-] Calheta, por curiosidade sua... Os dentes, às vezes, os rapazes tiravam-nos e aquilo eles caíam {PHl=ao} mar. Ele os rapazes tiravam e andavam para aí. {pp} Era o meu tempo de arrear à baleia. Pois a gente às vezes aproveitava os dentes {fp}, vendíamos assim uma coisa barata, quer dizer, para comprar uns cigarros {CTlpo=para o} bote e tal. Mas houve criaturas que aproveitaram, juntaram e foram [RPlforam] guardando. Hoje em dia, há aqui um tipo na Calheta que [ABltem] diz que tem uma fortuna em dentes.

INF2 O Gonzaga. Onde?

INF1 Arrumados. Hoje tem uma fortuna. {pp} Hoje tem lá já um bocado de valor. Já estão além dentes que [ABl chegam, que se {fp}] se a pessoa que veio aproveitar... Claro, isto passou por tempo que não tinha valor. {fp} Mais tarde, já aqui no meu tempo, é que podiam (...) ter um valorzito, mas coisa pouca.

INF2 Há tempo!

INF1 Mas para trás de mim [ABlnão, não] não eram aproveitados. Andavam às vezes aí de 'bate-rola' [ABle]...

INF2 [ABlAté] {pp} Até que as senhoras aproveitavam os dentes grandes para endireitar as rendas que faziam com o dente. {pp} A renda não era endireitada {PHl=ao} ferro, era direita com o próprio dente da baleia, é que se endireitava a própria renda que se fazia cá.

INQ *Mas, mas assim sem, sem se aquecer nem nada?*

INF2 Sim senhora, sem coisa nenhuma. Era estendida [ABla re-] a renda [ABInuma] numa toalha ou {pp} estendida em cima dum mesa, e elas com o próprio dente da baleia... Eu ainda me lembro disto, mestre Balduino; sou mais novo, mas lembro-me disto, da tia Carlota da Ladeira.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC14-C	
<b>Localidade:</b> Ribeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balduino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Baltasar <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 50:54-52:18	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 02	<b>Data da primeira transcrição:</b> Mai.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF1 Isto precisamente se a pesca da baleia nos desse soldada como dá precisamente o atum, quer dizer, que a gente ganhasse como ganhamos na pesca do atum, talvez os nove botes estivessem a trabalhar por aí.

INF2 Pois, talvez, nove vezes nove, não sei, mas estávamos uns quantos.

INF1 Estávamos uns quantos. [AB|Porque]

INF2 Os rapazes que 'houviam' de {IP|tar=estar} aqui no lugar, a trabalhar no lugar,

{IP|tavẽw̃=estavam} aqui praticamente no lugar sempre, no meio. É claro, {pp} tem sido{fp}... Tem-se dado pouco. A baleia não tem dado muito. Depois é só um bote, é só um bote. É para pouca gente, é só para dois ou três que ficam em terra; [AB|los que podem voa-] os que podem {pp} ganhar dinheiro na pesca da {PH|aʎvẽ'kõrjẽ=albacória}. É claro que a pesca da {PH|aʎvẽ'kõrjẽ=albacória} tem dado muito bem! E oxalá que dê! E oxalá que dê!

*INQ A albacória e o atum é exactamente a mesma coisa?*

INF2 É sim, é a mesma coisa.

*INQ Mas aqui é mais albacória que se chama?*

INF2 Bem, a gente tratamos a {PH|aʎvẽ'kõrjẽ=albacória} é ao atum. Depois temos o bonito que também se faz atum, mas esse já tratamos o bonito como é mais pequeno. E temos então... Ele depois mais tarde fazem os 'bimbelos' com o chicharro, porque nós, na marca, apanhamos chicharro ali...

*INQ Os 'bimbelos'?*

INF2 'Bimbelos'.

*INQ O que é que são 'bimbelos'?*

INF2 É chicharrinho miudinho. [AB|No ca-] No continente trata-se mesmo a esse é chicharro. {pp} Porque o chicharro no continente é o carapau.

*INQ Pois.*

INF2 O carapau. E a gente aqui é chicharro. A gente trata o chicharro mais grado, chicharro, e o mais miúdo, chicharro; e no continente trata-se o mais miúdo, carapau, e o mais grado é o chicharro. Portanto, é o carapau do continente, aquele miudinho, que é os 'bimbelos'.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC15-C	
<b>Localidade:</b> Ribeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balduino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 53:25-53:57	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 03	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Olhe e estes bancos têm algum, este segundo banco tem algum?...*

INF Isso é o banco donde o{fp} arpoador rema; esse é o banco [ABId-] da frente, de remar. [ABIEsses] Esses seis bancos, cada qual tem o seu remador, o seu homem. Este bote é tripulado é por sete homens.

*INQ Mas ainda costumam ir sete?*

INF Sim senhora, é sempre sete. {pp} Até porque, vamos, a capitania, a lei da capitania permite é sete mesmo. Não pode ir menos. Às vezes vão com menos, com falta de gente, vão com menos. [ABIMas] Mas a lei da capitania é sete. [ABIA emb-] {fp} A embarcação [ABlé p-] é para usar sete homens.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC16-C	
<b>Localidade:</b> Ribeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balduino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Graciliano <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> Gregório <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 57:30-60:58	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 04	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Mas e nesse caso perde-se a baleia, não é?*

INF1 Antes perder a baleia que não o homem! Ele uma embarcação que vá atrás da baleia vai tudo é para debaixo do mar.

*INQ Claro!*

INF1 Porque leva o bote, leva o homem, leva o que calhar. É uma velocidade mesmo que avoa! {pp} É uma velocidade grande!

*INQ Então e vocês não querem ir à pesca da baleia? Não? Porquê?*

INF1 Pois [AB]lestes] estes moços já vão à {PH}laɪvɐ'kɔɾjɐ=albacória}. [AB]Até é] O pai daquele até é mestre de um barco, ou uma traineira, e este é marinheiro doutra traineira [AB]de forma que] ...

INF2 Tem medo?

INF3 Nunca fui, não é? Se ia, já sabia que ia-me assustar.

INF1 Pois. Ah, todos {PH}lɔ=ao} princípio... [AB]Semp-] Sempre {PH}lɔ=ao} princípio [AB]há{fp}, há] assustam-se uma coisita, mas depois habitua-se àquilo, começam-se [AB]a habitar] a habitar. E depois?! É coisa brava!

*INQ Mas também tem que ter força a pessoa que vai?*

INF1 Pois. Mas agora as forças não são medidas: uns têm mais, outros têm menos, mas todos têm direito a viver e vão à baleia. Mesmo o que seja mais fraco vai. Ou o que {pp} tem vontade de ir.

*INQ Mas, por exemplo, para ser o trancador tem que ter uma força especial, não?*

INF1 Bom, sempre é... Ah, pois é! Quanto mais, melhor! Porque em vez de a gente ir mais encostados, podia-se ir mais de largo e o homem chegava bem para o bote {pp} ir mais longe da baleia para não haver tanto perigo. Mas quase sempre o lugar (...) é, mais ou menos, {fp} a mesma distância. Eu também posso dar um... Ela pode-se afastar rápida e um já fica fora do alcance de um homem chegar a ela. De forma que quase sempre... {pp} Bem, as distâncias são quase parecidas {pp} para se dar lugar {CT}prɔ=para o} homem trancá-la.

*INQ Olhe, e como é que se sabe que um, sei lá, um, um rapaz já está bom para começar a, a trancar a baleia?*

INF1 Pois esses rapazes começam de pequenos aqui [AB|tra-, de] de remadores.

*INQ Por exemplo, o senhor começou tinha quinze anos, não é?*

INF1 Sim senhor, à baleia.

*INQ E quando é que começou a trancar?*

INF1 Dezanove. Fiquei {PH|fe'tivu=efectivo} a arrear a {RC|bal=-baleia}, aos dezanove. Eu já tinha pedido {PH|o=ao} trancador, algumas vezes, estas lanças – que é de matar {pp} –, para lançar, porque a baleia já {IP|'tũdu=estando} fraca... {IP|=Estando} fraca, a gente já vai experimentando, {pp} ele vão-se habituando àquilo.

*INQ Ah, vão experimentando, vão treinando.*

INF1 Exactamente, exactamente. E hoje, esses rapazes é a mesma coisa: a baleia já {IP|ta=está} quase para morrer, fraca, mas parada em cima do mar, a gente dá a lança {pp} {CT|prɔ3=para os} rapazes irem experimentando-a. {fp} [AB|Gostam] Têm gosto de lhe dar acolá umas lançadas. De forma que vão-se habituando {PH|ka=lá}, {pp} já pegam no cargo. Sim senhora.

*INQ E a primeira vez que um, que um rapaz começa a trancar sozinho a baleia, faz alguma festa, ou não?*

INF1 Sim senhora. Faz, sim senhora. Por acaso também fiz a minha festa, também.

*INQ Como é que foi?*

INF1 [AB|É {CT|prɛ=para} um{fp}] É{fp} ali num botequim (ele) que tínhamos ali. Até meu pai que era um homem que não bebia – que é doente, não bebia – é que foi lá para dentro {CT|prɔ=para o} botequim para pagar vinho {CT|prɛ=para}{fp}

*INQ Para o pessoal todo?*

INF1 todo o pessoal beber – ou para muita gente beber. E saiu de lá muito satisfeito! É claro que eu fui à proa, que era trancador... E quase todos são assim. E mesmo sendo até um pai com filho, pois quase sempre fazem uma festa. Até mesmo que, agora, a gente arreando e a coisa calhe bem... Até mesmo [AB|o, o] ele o irmão aqui do Baltasar, o Bebiano, que é trancador, pois também faz a sua festa, também vamos para a taberna para beber uns copos, e tal. Há alegria [AB|há{fp}] e gostam.

*INQ Bem, isso é depois de apanhar uma baleia?*

INF1 Sim senhora. Depois de a gente chegar aqui a terra e a coisa corra bem, pois lá se vai beber uns copitos, sim senhora; faz-se uma festazinha!

*INQ Vai festejar!*

INF1 A coisa correu bem! Que, às vezes, pode também correr mal! Às vezes, há dias que corre mal, também!

*INQ Mas é, é aquele que tranca que, que brinda os outros ou todos pagam?*

INF1 É sim. Não, é assim: eu também, hoje, eu também como oficial também, às vezes, também ajudo na brincadeira. A gente vem satisfeitos! Pois as coisas quando correm bem, a gente vem satisfeitos e depois gosta de lhe fazer uma festa qualquer.



*INQ Claro!*

INF1 É, sim senhora.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC17-C	
<b>Localidade:</b> Ribeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Balduino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb01a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 61:56-62:39	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 05	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF A gente comparamos esta vida da baleia como a vida do toureiro. O toureiro saltou {CTlpa=para a} arena, {pp} pois vai ali à vida; e a gente, aqui, a baleia é a mesma coisa. Porque o homem {PHlnẽ=não} {IPlta=está} à espera, {PHlnẽ=não} sabe o que é que o touro {PHlli=lhe} vai fazer, se é bom, se é mau; e a baleia é a mesma coisa. É isso.

*INQ Só que na tourada há gente a ver e ali não há ninguém.*

INF {RCIExa=Exacto}! Ali não há! Ali{fp} a gente olhamos uns {CTlpoz=para os} outros, às vezes, a baleia ajunta-se {PHl=ao} bote, anda com ele às costas, ele enche água duma banda, safa da outra... Nessa altura é que a gente se lembra de Deus. Até aí nunca... Depois: "Deus nosso Senhor, Jesus dê-nos isto, dê-nos aquilo", mas naquelas alturas a gente grita mais. Depois quando vem {CTlpa=para a} terra já se esqueceu mais um bocadinho. E é assim!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC18-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Belchior <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> <b>CD nº:</b> 1APICb02a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 00:37-04:22	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 06	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF No vazante de Novembro ou Dezembro, {pp} a gente {pp} semeia o tabaco. Porque dizem que {pp} sendo com o enchente [ABlque a que espiga] {pp} que bota a sua espiga muito novo; e com o vazante, ele vai crescendo e cresce mais e depois de {IPltar=estar} grado é que espiga. {pp} A gente tem semeado mas depois então é preciso muitas cautelas. É preciso – assim que a gente vê cara de muita chuva –, é preciso abafá-lo, [ABlcomo] como é o da neve. Em vindo neve, {pp} ele vai-se embora; em novinho, vai-se todo embora, não escapa. E depois vai-se usando depois de ele então {IPltar=estar} vingado. {IPta=Está} assim gradinho, duas ou três folhinhas, a gente vai a ele e tira-o para fora, {pp} e vai para um viveiro, [ABlmetendo um] para ficar ralotezinho. E depois dali, de ele {IPltar=estar} assim já grado, a gente tira-o e então vai plantá-lo [ABlno seu] no seu sítio. E depois dali se vai usando. Quanto mais vezes é trabalhado, mais cresce. {pp} [ABIE{fp}] E depois de ele {IPltar=estar} a querer botar a espiga, a gente vai a ele, tira-{PHlli=lhe} a espiguinha para fora...

*INQ E como é que ele é trabalhado?*

INF [ABIÉ com a nossa enxa-] A gente aqui é {PHl'zãzu=sacho}. Com um {PHl'zãzu=sacho}. E{fp} a gente tira-{PHlli=lhe} a espiga, depois ele dá em deitar uns netos – que se voltam para baixo. Cada folha é um neto. A gente vai 'esgomando' aqueles netozinhos para fora, para ele 'dir' amadurecendo. O tabaco cria umas empolas, de amarelo – para ficar assim [ABlam-] amarelo. Olhe a senhora, estas nódoas é daquelas empolas que aparecem. A gente vai a ele, corta-o; e depois {PHl'trazu=trá-lo} para... {pp} Como é que hei-de dizer? A gente aqui chama lojas.

*INQ Pois. É assim.*

INF Passou {CTlpa3=para as} lojas. E{fp} vai usando, vai batendo nele, e depois de ele {IPltar=estar} seco, a gente esfolha-o e põe-no aqui. E depois a gente usa a fazê-lo então nestas torcidas... E há quem faz – que eu já fiz –, que é mais fácil, tirar assim este torinho, como eu disse aqui à senhora e {PHlli=lhe} expliquei, e depois enrola assim, faz uns coisos assim compridos – uns rolos –, e depois

com umas cordinhas, bem apertadas, é presa assim em cima no tirante, e a gente vai andando aqui com a cordinha. Andando sempre, vai sempre andando e vai sempre andando e faz uns rolos grandes. É mais fácil, é mais depressa que se arruma. Depois quando a gente quer usar, a gente vai a um pedacinho daquele rolo, corta, mete na algibeira e vai andando. Aquele gastou-se, a gente corta outro pedacinho.

Mas {pp} aqui, como eu {IP|'to=estou} assim entretido, vou fazendo é cá à minha moda: é umas torcidinhas e vamos cá amanhando. Pois.

*INQ Em que altura é que apanha o tabaco?*

INF O mês bom de o apanhar é em Abril, no mês de Abril.

*INQ E depois quanto tempo está a secar?*

INF Isso já é conforme, então: pode ser (ele) umas três semanas, pode levar um mês. Ele leva ainda [AB|uns], ainda leva.

*INQ Ao sol ou na loja?*

INF Não senhora. É na loja. Sendo ao sol, que eu tenho aqui dele que apanhou sol, mas apanhou por um esquecimento... Olhe a senhora, apanhando sol, que esteja fora, cria isto.

*INQ Tchê!*

INF Cria estas nódoas negras e isto faz mal o tabaco. Bom é apanhadinho e trazê-lo [AB|{CT|pa=para a}, {CT|pa=para a} so-] para a abrigada do tempo. E eu agora {PH|nẽ=não}...

*INQ Pronto, já está explicado. E não tem que pôr adubos, nem nada no?...*

INF {PH|nẽ=Não} senhora. O adubo, o tabaco não pega tanto bem.

*INQ Mas estrume põe?*

INF Estrumes, sim senhora. {pp} Mas deitando adubo, o tabaco, depois a gente vai fumá-lo e {PH|nẽ=não} quer pegar bem. Isso então já foi experimentado! Cá agora o tabaco com o adubo cresce muito mais! Sim senhora.

*INQ Mas não fica bom.*

INF Mas não pega bem.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC19-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Belchior <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> <b>CD nº:</b> 1APICb02a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 49:28-51:02	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 07	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF Era um padre que era pobre – pobrezinho, coitado, mesmo! Eu não o conheci mas ouvi dizer. Vivía numa aldeia qualquer mas era muito amigo do bispo. Escreviam-se. E o povo, o povo como gostava muito do padre, e pegaram-no a auxiliar muito, com dinheiros, {fp} muita coisa, para ele viver. E ele foi ficando [ABlmais] mais divertido e coisa, a conviver com aquela gente toda, com senhoras, com senhores, e no entanto que levou uma criada para casa. E depois resolve a fazer uma casa nova. Faz uma casa muito bonita, muito linda! Como o bispo era muito amigo dele, e ele o que é que faz? Escreve uma carta a convidar o senhor bispo para vir visitá-lo. E o senhor bispo quando pôde, lá foi- {PHlli=lhe} fazer a visita. Ora, ficaram muito contentes por {PHlli=lhe} amostrar a sua casa, foi amostrando a casa, mostrando... Entanto, entraram pela porta da sala e até que chegaram à cozinha. Foi vendo, mostrando a casa toda. Quando chegaram à cozinha, o bispo pergunta: "Ó padre, bem, tu tens uma criada certamente"? "Tenho, sim senhor"! "Homem, mas eu vi só um quarto de cama. Gostava de ver o quarto da cama da criada". Diz ele: "Ó senhor padre, a gente fica juntos". Diz ele: "Ora, óróróró, paciência! Ó homem, mas {PHlnã=não} sabes que é grande pecado ficar juntamente [ABlcom a tua] com a criada"? Diz ele: "Mas a gente fica com um tabuão entre o meio da gente". E ele vai assim: "Ó padre! E quando vem a tentação"? Diz ele: "Tiro logo o tabuão"!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC20-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Belchior <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Carmélia <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb02a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 51:13-63:42	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 08	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF1 Era um casal que era muito pobrezinho. E o marido era pescador. Ia mais a sua companha sempre para o mar mas nunca apanhava peixe. Os tempos longe de casa eram o bem da mulher. {pp} Mas num dia chegou lá {PH|o=ao} porto e {PH|nũ=não} tinha quem arreasse mais ele e ele tentou arrear sozinho {pp}. Em altos mares e tranca um peixe. E o peixe – {pp} vá, ele ficou muito contente – e ele disse, o peixe: "Tu não me mates"! E ele o velhinho foi assim: "Eu não te mato {pp} só se me encheres a lanchinha de peixe"! Ele disse: "{IP|ta=Está} bem! Todos os dias vou-te encher a lanchinha de peixe. Mas 'há-des' vir sozinho"! "Pois sim"! Desiscou o peixe, botou o peixe do mar; estava apanhando chicharros e encheu a lanchinha de chicharros e foi para casa. Chegou a casa, a mulher ficou muito contente: "Ó marido, como é que foi isso? {pp} Estes dias ias mais os companheiros, tu não apanhavas nada, hoje foste sozinho e ainda apanhaste uma peixaria"! E ele disse: "Ah, é porque tive a sorte"! O peixe tinha pedido que ele {PH|nũ=não} contasse nada. Ele volta no dia adiante, tornou a trancar o peixe. Pediu ao peixe para encher a lanchinha de peixe, o peixe encheu, veio-se embora. E o tolo vai, chega a casa e conta à mulher: "Ó mulher, isto tem passado assim, assim". E a mulher foi assim: "Olha, não tem nada. {pp} Eu quero comer duas postas desse peixe. O primeiro dia que fores {PH|o=ao} mar, 'há-des-me' trazer esse peixe". O homezinho vai no dia adiante para o mar, chegou {PH|o=ao} mar, trancou o peixe {pp} e o peixe foi assim: "Tu não me mates"! E ele disse: "Não, vou-te matar, que a minha mulher quer comer duas postas de ti". Ele disse: "Bem, tu vais-me matar, mas tu vais fazer o que eu disser: {pp} vais dar duas postas à leoa, duas à égua, e tua mulher vai comer duas, e vais enterrar duas no cabo de baixo do balcão e duas fora da porta. {pp} [AB|E não te apa-, não enches mais] Mas não apanhas mais peixe nenhum"! Assim foi. O homem veio para casa com o peixe, e ele disse: "A tua mulher come ali perto do {PH|ẽ'bigu=umbigo}, as duas postas perto do {PH|ẽ'bigu=umbigo}". Veio para casa, o homem disse à mulher, a mulher fez assim como o peixe disse: duas no cabo de baixo do balcão, duas fora da porta da cozinha, duas à égua, duas {PH|o=ao} leão e comeu duas.

INF2 Isso ficou tudo grávido aí!

INF1 A cabo de tempos, ele vai, a mulher a queixar-se para ter uma família; a leoa também a mesma coisa; [ABlo c-] a égua a mesma coisa; por baixo do balcão nasceu duas árvores; fora da porta da cozinha, nasceu duas espadas; e ela teve dois meninos. Foram crescendo, foram crescendo, mas ninguém conhecia um do outro. Isso! Andavam vestidos de iguais; só o que tinham é que tinham uma pouca diferença, mas era num dente só, na frente. O mais, a feição dum e doutro era a mesma coisa. Quando chegaram a homens, arremediavam-se bem {pp}, já nesse tempo {pp}, e pediram ao pai para 'dir' correr terras. O pai disse que sim. O pai deu-{PHli=lhe} um leão, a cada um deles, um cavalo e a espada, cada um a sua espada. E eles caminharam. Foram andando muito longe e quando vai, repartiram o caminho. [ABIE ele vai (...)] E vai um foi assim: "Olha, aqui há dois caminhos. Cada um de nós vai cada um seu caminho e a fim de um ano, de hoje a um ano, nós vamos voltar aqui, para visitar nossos pais e as nossas mães". Disseram logo que sim. Ora, um caminhou, apanhou trabalho, coitado, foi trabalhando; o outro foi até bater na casa dum rei. Pediu poisada, o rei deu-lhe, e depois pediu para ser criado, o rei deu-{PHli=lhe}, meteu-o a trabalhar em jardins. Mas o rei tinha uma filha e o rapaz era muito bonito. E a filha engraçava muito [ABlno] {pp} no criado. E olhava {CTlpo=para o} criado; e o criado com medo de o rei não o mandar matar, e desviava-se sempre dela... Tanto que um dia atentou, ela, e fala-{PHli=lhe} [ABlem na-] em casamento a ele. Ele disse logo que não; se o rei sabia que o matava. Ela vai, vai dizer {PHlo=ao} pai; o pai manda-o chamar. Ele disse: "Oh{fp}, já vou {CTlpa=para a} morte"! Chegou lá dentro, ele disse: "Pois a minha filha Clara quer o senhor para seu esposo; o senhor vai casar com a minha filha e não trabalha mais de criado". O homem vai, fez assim. Casando-se, depois ao cabo de muito tempo, ao fim de uma semana, [ABlo hosp-, o diacho do] {pp} o palácio era muito grande, e ela vai mostrar para cima o palácio todo a ele, e amostrar os seus prédios cá ao longe, a ele, {fp} e vai ele vê uma casa em baixo, numa vilazinha e perguntou: "Então que casa é aquela"? E (ele) /ela\ vai, ela foi assim: "Aquilo é as (Tonas de Belém). [ABlQuem lá va-] Quem lá vai, quem {PHlnē=não} vem"! Ficou assim a olhar... {pp} E chegou no dia adiante e ele diz: "Olha, vou dar um passeio"! Pegou na sua arma, na sua espada, no seu leão, no seu cavalo e caminhou. Mas com a ideia sempre pensando naquilo que a mulher tinha dito: {pp} "Quem lá vai, quem {PHlnē=não} vem"! Sempre gostava de ir ver aquilo. Chega lá, vê um largo de fora mas com umas argolas de amarrar cavalos e uma porta meia aberta e meia fechada. Mas já tinha muita fome, ele já tinha fome. E bate à porta, ninguém fala. {pp} Entra para dentro e vê uma mesa posta com comida. Cheirava que consolava! Bota um prato ao cavalo, um prato ao leão e sentou-se à mesa a comer. {pp} E quando ele acabou de comer {fp} chega uma velha. Chega uma velha: {fp} "Bom dia". "Bom dia". "Minha senhora", {IPl'tevili=esteve-lhe} algum tempo pedindo desculpa a ela, que tinha muita fome, e que viu que tinha escrito fora da porta que dava-se comidas, e que ele entrou para dentro, tinha comido e {IPl'tavē=estava} comendo, e agora que ia esperar para pagar, saber quanto e coisa. E ela disse que ali não se pagava nada; só o pagamento que era jogar uma luta. Ele o homem era um rapaz novo e fica assim a olhar para ela: "Olha uma velha destas jogar uma luta comigo"! Ela disse: "Pois, sim senhor"! Mas disse: "Mas o senhor vai amarrar o seu cavalo e o seu leão". {fp} E ele disse: "Ó senhora, não é

preciso amarrar que [AB]lo meu] o meu leão e o meu cavalo é manso"! "Não senhor! O senhor vai amarrar"! "Mas não tenho nada com que amarrar". "O senhor vai amarrar com um cabelo da minha cabeça"! E puxou um cabelo e deu um cabelo {CT|pɔ=para o} cavalo e outro {CT|pɔ=para o} leão. O homem vai, o cabelo era grande, amarrado em volta do pescoço do leão, e passa lá a corrente, e pegam a jogar ao soco. O homem era novo mas viu-se atravancado e foi assim: "Avança, meu leão"! E vai a velha foi assim: "Engrossa, meu cabelão"! E fez-se logo uma corrente no pescoço. E ficou o cavalo e o leão amarrado. E ela foi andando com ele, foi andando com ele, com o cu para trás, e mete-o por um alçapão abaixo. Ele ficou para lá. Pois a mulher também não sabia nada dele, e o seu cavalo ficou lá amarrado, ficou lá o leão amarrado... Chegou no prazo [AB]de] desse tempo que ele tinha dito {PH|ɔ=ao} irmão que a fim de um ano tinham que {IP|tar=estar} ali a esperar para vir visitar o pai e a mãe, e o irmão veio {pp} até à boca do caminho. O irmão não {IP|'tavɐ=estava}, foi esperando, foi esperando, mas não {IP|'tavɐ=estava}. Pega em seu caminho e volta à casa do pai. Mas ele tinha- {PH|li=lhe} dito {PH|ɔ=ao} irmão, se a árvore {IP|ti'vesi=estivesse} murcha ou seca que [AB]la ma-] um deles que iam mal, ou o pai, ou um deles que iam mal. Chega lá o irmão, chega fora do portão, vê a árvore {pp} a querer murchar, a ficar já a cair a folha. Ele disse: "Oh, isto é meu pai ou minha mãe que {IP|ta=está} doente, e se não é eles, é meu irmão que vai muito mal". Vai a casa do pai, {IP|'tevi=esteve} fazendo uma visita ao pai, viu que o pai {IP|'tavɐ=estava} de saúde e a mãe {IP|'tavɐ=estava} de saúde e arranca-se na volta de {pp} onde o irmão tinha caminhado. {pp} Onde foi bater? Na casa do rei. Ali [AB]no] naquele lugar do rei, falava-se naquilo, naquele homem que tinha desaparecido e coisa, mas quando o viram julgavam que era ele: cavalo igual, leão igual, espada igual, o homem era a mesma coisa... E vai quando o viram, foram logo abraçá-lo, abraçá-lo, e ele falou: "Oh, o meu irmão {IP|ta=está} por aqui; o meu irmão morreu por aqui". Entrou para dentro para casa do rei, e ele pega a ouvir falar [AB]a{fp}] o rei e pega a ouvir falar ali os criados e coisa, e pega a dizer a mesma coisa: "Ele foi aqui em casa deste rei. Isto foi coisa que ele mataram-no e coisa", e vai, faz-se {pp} que é que era o marido dela. Ela pega a dizer: "Que demora foi essa"?, e assim e assado, e ele disse: "Ah, fui-me caçar, enganei-me, e depois andei perdido, para aqui e para acolá"... E ele vai pegou, pensou que era a mulher, toca a dar dois beijos, chega à noite, {CT|pra=para a} cama juntos. Mas ele pegou na sua espada e enfiou-a no meio da cama. E a mulher fez (uma operação) à cabeça: "Homessa! Não era costume fazer isto! Agora pôs aqui a espada no meio da cama"! E a mulher deitou-se pelo lado de dentro da espada e ele pelo lado de fora da espada. Chegou de manhã, ele disse: "{PH|'ɔmi=Homem}, eu gostava de ver isto aqui, este palácio"! Ela disse: "{PH|'ɔmi=Homem}, tu o viste no outro dia, porque é que queres tornar a ver"? "Não, gostava de ver isto"! E a mulher vai, toma lá a correr – e a mulher (é muito) feliz dele quando quer o marido –, vai amostrar o palácio todo, bem [AB]lam-] amostrado, chega acima, disse: "{PH|'ɔmi=Homem}, [AB]que pala-] que casa é aquela que {IP|ta=está} lá em baixo"? Ela disse: "{PH|'ɔmi=Homem}, já disse no outro dia: aquilo é as (Tonas de Belém), quem lá vai, quem {PH|nɐ=não} vem"! "Ah, sim, sim, ele já cá me disseste no outro dia". E ele pensou: "Oh, o meu irmão {IP|ta=está} lá"! Pega em si, ele foi, disse: "Olha, eu não volto para



comer". Ela vai-se sentar, (...) {IP|'ta=está} comendo e ele vai assim: "Olha, eu vou dar um passeio. {pp} Venho mais tardinho, vou-me dar um passeio"! E caminhou, {pp} no seu cavalo, no seu leão e com a sua espada. Quando chegou fora desta porta vê o leão e vê [AB|lo seu] o cavalo do irmão e vê a espada. O cavalo muito sequinho; o diacho do leão muito sequinho. Bate à porta, ninguém falou. A porta meia aberta e meia fechada, entrou para dentro, {IP|'tevi=esteve} comendo – já tinha também alguma fome –, {IP|'tevi=esteve} pondo o comer ao cavalo do irmão e ao leão, deu também aos seus, pegou a comer, bate a mesma velha à porta: "Bom dia". "Bom dia". (...) Pediu desculpa à velhinha, [AB|de ele ter, de ele ter] (no lugar {IP|'tavø=estava} escrito) para dar comida, tinha fome, [AB|tinha posto] tinha visto aqueles bichinhos com fome, tinha posto a eles, queria saber o quanto era para pagar. E ela disse: "Não. Aqui não se paga nada. Aqui só o que se paga é jogar uma luta". E ele: "Oh! Olá, o meu irmão {IP|'ta=está} é aqui"! E ela disse: "Pois então, [AB|há-de-se] há-de-se jogar". E ele então estava a preparar-se para jogar a luta. E ela disse: "Mas o senhor vai amarrar o seu cavalo e o seu leão". "Ó senhora, mas {PH|nũ=não} tenho com que amarrar; eles são mansos, não fazem mal"... "Ah, não, não não. O senhor amarra com um cabelo da minha cabeça". Disse: "Oh, oh! O cabelo da tua cabeça [AB|lé que foi] é que {IP|'ta=está} ali [AB|no] numa corrente"! E vem fora, amarrou-o à argola bem amarrado e levou, passa pelo pescoço do cavalo mas [AB|nã] não deu nó, só encostou. Vai [AB|lao, ao] ao cavalo, a mesma coisa. Pegam a jogar à luta. Foram jogar à luta, e ele vai, vê-se atravancado. Foi assim: "Avança, meu leão"! E ela diz assim: "Engrossa, meu cabelão"! Mas o cabelão não engrossou. O leão avança {pp} para dentro, o cavalo avança, ele [AB|desata, tira o] tira o diacho [AB|do] do leão do irmão, e foi no leão à velha e foi-{PH|li=lhe} picando. E ele pega a falar com a mulher, que botasse o irmão cá para fora, que ele sabia que ela tinha lá o irmão. E ela disse que não tinha o irmão. Tanto foi porque ela viu-se apertada e disse-{PH|li=lhe} [AB|que o, que ia busc-] que ia buscar o irmão. {pp} A velha abre o {PH|aʃsø'prøw=alçapão} – ele manda parar os 'leães' –, a velha abre o {PH|aʃsø'prøw=alçapão}, o irmão lá {IP|'tavø=estava} em baixo, quase morto, muito sequinho! Já quase morto e [AB|le muita gente] muita gente morta em baixo. Ele disse: "Tu vais pôr esta gente toda viva; se não puseres esta gente toda viva e o meu irmão conforme era, eu vou-te matar"! A velha vai, pediu-{PH|li=lhe} que ele {PH|nũ=não} a matasse. Foi abaixo, juntou estes ossos todos e aqueles corpos todos lá em baixo. O irmão muito sequinho, amarelo, já para morrer, mesmo já quase morto, a velha lá esteve-o 'embanhando', não sei como é que foi, e lá soprou por ele com um assobio, e o irmão ficou, pá, resoluto, e aqueles que estavam todos mortos, ela depois ajuntou os ossos... Era o demónio. INF2 (Nem religiosa era).

INF1 (Ficou logo ali). Ora bem, ele armou-se, (...) a velha pelo buraco abaixo, e armou-se [AB|com o seu] com o cavalo do irmão, vestiu o cavalo, e de volta a casa do rei. Quando chegou a casa do rei, a mulher vai e quando vê {pp} os dois homens, não sabia qual era o seu marido. {pp} Mas conheceu pela frente do dente o último que tinha {IP|'tadu=estado}... Como é que ela marcou também o último? Tinha sido aquele que tinha ido salvar o irmão. E vai ele pega a contar: que ele tinha ficado mais ela, mas tinha posto a espada no meio da cama, de maneira que ele tinha conhecido que era a sua cunhada,

e que andava à procura do irmão, e que tinha ido perguntar o caso, e vai aí é que veio a descobrir que o irmão estava nesta torre. O irmão leva [ABla sua esp-] a sua espada, pumba! E corta o pescoço {PHlɔ=ao} irmão.

INF2 Ora esta!

*INQ Ah!*

INF1 Cortou- {PHlli=lhe} o pescoço {PHlɔ=ao} irmão. E vai... Mas ele tinha o assobio da velha e a gordura da velha, que a velha tinha botado os outros vivos. Corta o pescoço, o rei vai, manda logo prender [ABlo] o que era marido da mulher, que era para mandar matar. Ela disse que não se mandava, que tinham a gordura, que era da velha, e tinham ele [ABlo ] o assoprador, que era da velha, punham-no vivo. Toca ali de ligar o pescocinho {PHlɔ=ao} homem, toca a oleá-lo todo, assoprou o homenzinho mas o homem não ficou vivo. Lá ficou então o outro em casa do rei, e o rei pôs o outro rico e os pais todos ricos. (Estão além) /Estavam\ nas suas casas vivendo, no outro dia passei lá, estavam bem bonitos!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC21-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Bocácio <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb03a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 00:16-04:27	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A casa de habitação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 09	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Olhe e não tem nada aqui na porta que se chama a padieira e a umbreira?*

INF1 Há, mas é nas casas de parede é que tem a umbreira. Que a gente faz aqui umbreiras com uns pesos grandes, largos. Já estas é de blocos, já não temos isso, é tudo, tudo blocos. {FR|sɐw='So'}, abre-se as portadas mas já não se diz que tem {PH|'mjɛjɾɛʒ=lumieiras}, nem tem porque é de blocos. Isso é das antigas, das de pedra. A de pedra é também, {CT|pra=para a} portadas.

*INQ Olhe, aqui, como é que chama a esta coisa?*

INF1 Isto é uma dobradiça.

*INQ Como?*

INF1 Uma dobradiça.

*INQ E o, e isto?*

INF1 Isso é a fechadura.

*INQ E isto?*

INF1 Tem o seu trinco.

*INQ Olhe há umas que têm, em vez de ter esta fechadura, como tem aquela ali...*

INF1 Ah, tem um {PH|'trɛblɛw̃=taramelão}. Mas isso é nas casas antigas, era um {PH|'trɛblɛw̃=taramelão} que se chamava.

*INQ O que é que é o taramelão?*

INF1 Um bocado de madeira, ligado a um cabinho, e a gente vai e deita a mão [ABlã] àquele cabinho e abre a {PH|tre'bele=taramela} {CT|pro=para o} ar. E é assim, {pp} nas casas mais antigas. Estas agora já estão mais modernzinhas, já a gente agora é os trincos.

*INQ Mas há algum que tem assim uma coisa que é para, que tem um furinho no chão e a gente puxa para baixo?*

INF1 Ah, é um fechinho.

*INQ É um fechinho?*

INF1 Um fechinho. {pp} A gente chama um fecho, para segurar a porta. Estas casas de blocos todas têm. Olhe, olhe, [ABltem] aquela tem um{fp} fechinho em cima e tem outro em baixo, que é por causa de segurar a porta. Porque a gente não pode pôr tranqueira, como antigamente se punha umas tranqueiras de ferro porque estas não têm largura de se poder pôr a tranqueira. {pp} Não mates a gente todos aqui dentro.

*INQ Aqui não é costume as portas terem assim uma janelinha?*

INF2 {PHln̄=Não} posso dizer nada porque {IPl'to=estou} comendo. (...)

INF1 [ABlDa, da, das antigas] Nas antigas, a gente punha era um postigozinho com um vidrozinho {CTlpa=para a} gente ver.

*INQ E agora já não se usa?*

INF1 Agora já {PHln̄=não} se usa, que estas casas modernas... A não tirar que se ponha uma porta com vidros grandes! Mas assim como eu, não é preciso, que eu tenho aqui uma janela grande, tenho claridade bastante. Mas antigamente era assim: com o seu postigozinho, era o seu (.../N) {pp} {CTlpa=para a} gente ver.

*INQ Olhe, e quando a senhora fecha à noite a porta... Olhe, isto o que é? Ah, não está cá.*

INF1 [ABlDou a volta] Dou a volta à minha fechadura a fechar a minha porta.

*INQ Aquela coisa em que pega é uma fechadura, ou não?*

INF1 A de cima é a fechadura e a de baixo é o trinco.

*INQ Esta é a fechadura, e aquilo que guarda? Para abrir a fechadura tem que ter o quê?*

INF1 É a minha chave.

*INQ Olhe, e o ferrolho, o que é?*

INF1 A gente {PHln̄=não} tem outros. {pp} Tenho no armazém umas portas com esses ferrolhos, como a senhora diz, mas aqui não tenho. Aqui é só [ABla] a chave e o trinco.

*INQ E quando não há luz eléctrica, o que é que as pessoas usam para se alumiar?*

INF1 Agora acendo...

INF2 O petróleo.

INF1 Eu tenho um bidão de petróleo, botava sempre nas minhas {PHl̄l̄p̄p̄'r̄in̄ɐ̄]=lâmparinas} {pp} que era por causa da minha luz. Mas agora tenho-as cheias ali fora mas não me uso delas. Já tenho a minha luz eléctrica, é uma maravilha! Foi o melhor que fizeram-nos neste [RPlneste] mundo.

*INQ Mas as lâmparinas eram de petróleo?*

INF1 Eram de petróleo.

*INQ Eram de vidro?*

INF1 Era de pé, tinha duas de pé, com os seus vidros, e tenho duas teimosas: uma sem pé e outra com outro pezinho.

*INQ Como é que são as teimosas?*

INF1 Teimosas é de umas pequeninas. Tem [ABluma, uma, o{fp}] a torcidinha muito estreitinha

*INQ Mas também são de petróleo?*

INF1 e o vidrinho pequenino, baixinho. Mas também é de petróleo.

*INQ Não se lembra de se ter usado o azeite, ou óleo para?...*

INF2 Nada.

INF1 Não, a de azeite não cheguei...

*INQ Ou o óleo de baleia?*

INF1 Não cheguei a usar de azeite. Já víramos, quando se alumiavam umas candieirinhas, que a gente deitava no pratinho o azeite, e{fp} punha-se uma torcidazinha e punha-se um bocadinho de pau a segurar a torcidazinha para arder aquilo ali naquela beirinha. Mas já {PHInũ=não} [ABl{PHInũ=não} u-] cheguei a usar disso porque já {PHl'semu3=somos} mais novos, não agarrámos tanto essa vida atrasada. Mas os nossos antigos, coitadinhos, que{fp} trabalharam muitos serões com isso.

*INQ Há muito tempo que já há luz eléctrica aqui?*

INF1 Aqui, {IPlta=está} há, mais ou menos, como dois meses e picos {pp} – é que principiou a haver luz aqui.

*INQ Ah, então ainda se lembra perfeitamente do que é que usava antes de haver?*

INF1 [ABlMas] Mas a gente já no meu tempo era – agora no meu tempo – era muita força de petróleo, muita força de petróleo.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC22-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb03a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 05:33-09:33	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O quarto de dormir	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 10	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Olhe, e em cima da barra o que é que se põe?*

INF Tenho o meu colchão Molaflex, {pp} já há um ano ou dois. Que eu nunca tive, era a casquinha, lavada todos os 'Verões', e lavava-se o colchãozinho. Ai, (ele)! Quando a gente agarrava aquilo tufadinho, era a frescura do mundo! Mas agora então faz-se uma caminha muito fácil, porque então agora é o colchão Molaflex.

*INQ Mas o que era isso da casquinha?*

INF Era casca de milho! Casca de milho, que a gente rachava-a, e é que se metia dentro do colchão {CT|pa=para a} gente dormir. {pp} Sim senhora.

*INQ Só se usava a casca de milho?*

INF Ai, e musgo, que ia {CT|põ=para o} mato se apanhar musgo para se meter dentro das almofadas e dentro [AB|dos] dos colchões.

*INQ Musgo seco?*

INF Mas... Musgo seco. Mas o musgo, acabando meia dúzia de meses, dá em enovelar e é penar. Era penar para se abrir, {CT|pa=para a} gente poder dormir na caminha mole. O musgo era assim, enovela muito, pois é uma erva – depois de seca...

*INQ Olhe e o que se...*

INF E também se apanhava cabelinho; ia-se pelo mato, num {PH|'fèjtu=feto}, apanhava-se cabelinho; e depois a gente tirava aquele cabelinhozinho duma soca, e punha-se {PH|õ=ao} sol e enchia-se almofadas também {CT|pa=para a} gente dormir. Mesmo quando era para bebés, era tudo...

*INQ Não sei como é que é isso...*

INF O {PH|suma'u=sumaúma}. A gente abria aquela... Aquilo é assim uma... Como é que se diz? Imitante assim [AB|lum{fp}] o {RC|bog-=bogango}. É um bogango, que a gente chama de bobine de

seda. A gente abre e dentro tem aquilo, parece imitante como um figo. E a gente ia tirando [AB|aquele] aqueles fiozinhos todos; aquilo abre, fica [AB|como] como{fp} uma seda fina que era uma lindeza!

*INQ Isso é que é a sumaúma?*

INF Sim senhora. E a gente aí é que {PH|li=lhe} metia nas travesseirinhas, para os bebês. E era deste cabelinho.

*INQ E agora já não usam isso?*

INF Agora já não (se usa) /suja\, porque agora é tudo [R|P|esta{fp}] esta espuma que se enche as almofadas. Já não {PH|u^1zemuz=usamos} isso.

*INQ Mas a outra era mais molezinha?*

INF Era mais molinha. Claro que sim!

*INQ Olhe e...*

INF E de penas de galinhas! Aproveitava-se as penas das galinhas e punha-se a enxugar e enchia-se almofadas.

*INQ E colchões, não?*

INF Colchões, não senhora. Era preciso ter muita galinha. [Risos] Ele {CT|paz=para as} almofadas, leva-se às vezes um ano. Quando se matava três ou quatro, se ia guardando para se encher uma!

*INQ Olhe, quando a senhora se levanta... Olhe, e por fora das almofadas o que é que costuma pôr para proteger a almofada?*

INF Ai, ponho-{PH|li=lhe} os meus bordados, ou umas rendinhas, ou uns bordadinhos. Assim é que eu faço.

*INQ Mas tem assim uma, uma espécie de, uma coisa de pano que enfia lá dentro, enfia lá dentro a almofada?*

INF Ah, isso é a minha{fp} fronha, que a gente enfia na almofada.

*INQ E a senhora quando... De manhã levanta-se e depois o que é que faz à cama?*

INF Pego nas minhas almofadas, meto-as dentro do meu guarda-fato, e pego no meu travesseiro de dia, e faço a minha cama, e ponho o meu travesseiro.

*INQ E quando faz a cama, o que é que põe na cama?*

INF Ponho os meus lençóis, ponho o meu cobertor, ponho a minha colcha de lã, ponho um cobrejão que faço com a minha mão, depois ponho o meu travesseiro, e depois boto a minha colcha de seda – para ficar a minha caminha feita –, e duas almofadinhas que tenho também de propósito ali em cima.

*INQ O cobrejão é de quê?*

INF Olhe, é de bocados de saias, bocados de calças que a gente corta, faz uns quadradinhos. E depois eu alinho, e {PH|lodi^1poj3=depois}, durante o Inverno, vou-me entretendo aos serõezinhos, deitando o meu pontozinho. Chega-se lá mais para diante, um domingo ou um dia santo, eu, ele alinho, boto o meu forrinho [AB|por fo-] por dentro [AB|de] de um cretonezinho, boto a sua vira de lãzinha por fora e fica o cobrejão feito. E fica uma mancheia de centos poupados; se fosse um cobertor nas lojas saía mais caro e não me fazia tanto agasalho.

*INQ E esse é o último que se põe, é?*

INF A colcha de seda depois. Ah, mas no [R|P|no] cobrejão? É, sim senhora. Não se põe mais nada.

*INQ Põe-se por cima dos outros cobertores?*

INF Sim senhora.

*INQ Olhe, e... A senhora quando, depois de fazer a cama, depois de arrumar o quarto, o que é que faz? Qu por onde é que começa a arranjar a casa?*

INF [AB|Eu] {pp} Faço a cama, e depois de fazer a minha cama, limpo o meu pó, e depois de limpar o meu pó, varro a minha casa. Assim é que eu faço.



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC23-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb03a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 15:52-18:36	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O lar e a cozinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 11	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Nunca costuma pendurar coisas na chaminé, dentro da própria chaminé, não?*

INF [AB|Ponho a minha] Ponho as minhas linguças, quando mato o meu porquinho, ponho as morcelas [AB|e a].

*INQ Mas é ali?*

INF Ali mesmo. É tudo ali do fumeiro. E há quem deixe... Também eu deixo – já cheguei a deixar – orelha de porco e pé e {pp}

*INQ Ai também?*

INF assim umas peles. Depois a gente acabante de dias, tira-se, que aquilo fica enxutinho e vermelhinho e a gente faz uma molha, {pp} para se ir comendo. {pp} Fica aquela geleia muito bem feita depois. A gente vai e bota-se dentro numa tigela [AB|ou dum] ou dum pírex, e a gente depois vai tirando um bocadinho, vai-se aquecendo e vai-se usando.

*INQ Como é que se faz essa geleia?*

INF É mesmo no lume. A gente, naquele tempo, fazia era num caldeirão, mas agora já é em tachos.

*INQ Mas põe lá a orelha e a...*

INF [AB|Pom-] Pomos a orelha, pomos o pé, {pp} pomos disso que queremos deitar dentro, {pp} do porco. E depois deita-se uma [RP|uma] cebolinha, um alhinho, uma folhinha de louro, uma {PH|ʒəmɐ'likɐ=jamaica}, um pauzinho de canela, com a sua gotinha de água; e lá aquilo ferve e a gente depois vai provando; assim que {IP|ta=está} no seu tempero (...) e {IP|ta=está} cozidinho, a gente tira {CT|pɔ=para o} lado; deita-se dentro ou da tigela, como eu {IP|to=estou} dizendo à senhora, ou do pírex; e depois vamos tirando assim um bocadinho e é que se vai deitando ou numa sertã [AB|ou na] ou num tachinho, para se ir aquecendo e se ir comendo.

*INQ Mas aquece-se? Ou come-se frio?*

INF É, {RCl|aque=aquece}. Não senhora. A gente aquece. Para se comer depois com côcos, um bocado de massa grossa.

*INQ Olhe e usava assim?...*

INF Não, eu não posso dizer inhames. Que eu para dizer [AB]i...

*INQ Não?*

INF Não. Porque (ele) [AB]a fresca] a fresca da Carmina foi mais o pai {CT}pɔ=para o} mato e disse assim: "Eu fui hoje {PH}ɔ=ao} mato mais o meu pai buscar uma carrada de inhames". Dali a bocado, continuou a falar com as pessoas e foi depressa: "Ainda agora {IP}to=estou} acabando de rapar um caldeirão de côcos e pôr no lume". Para quê então dizer inhames duma vez e côcos doutra?! Pois se {IP}to=estou} habituada a dizer côcos mais, o meu forte passa por côcos.

*INQ Claro. Olhe, usava assim umas coisas assim deste género?*

INF É, sim senhora.

*INQ Era o?...*

INF O caldeirão é mesmo assim.

*INQ Ai o caldeirão é isto?*

INF É o caldeirão.

*INQ Sim senhora.*

INF Ainda tenho dois.

*INQ De ferro?*

INF Tenho um onde derreto o meu porco e tenho outro, cozo [RP]cozo} {PH}kojvɛz=couves} e cascas {CT}paɜ=para as} galinhas. Ainda tenho dois 'caldeirões'! Já {PH}nũ=não} é qualquer um que tem um caldeirão.

*INQ Mas porque é que as pessoas já não usam?*

INF É porque {PH}nẽ=não} gostam, porque o fazer da comida agora dentro do caldeirão, já vai um cheiro a fumo, sendo na grelha; e o caldeirão não se pode pôr no fogão, porque é muito grosso, gasta muito gás; e mesmo, tem os pezinhos, não assenta bem no [RP]no} fogão. Tem que ser é na grelha, o caldeirão. Na hora da comida não é tanto saborosa!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC24-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb03a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 23:13-25:12	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 12	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Para meter os potes com água, não havia assim umas coisas que tinham uns buracos para enfiar ali o pote, não?*

INF Ai, [ABlisto e-] a gente agora é que faz esses poços para despejar: vem aí com o pote e despejar a água dentro. Ainda há quem tem desses poçozinhos que a gente chega com o pote e despeja a água mas disso assim já não temos.

*INQ Não era para despejar.*

INF Era só para pôr [ABlo]...

*INQ Era para enfiar o pote.*

INF Ah, então isso então era uma prateleirinha que a gente usava de madeira, {pp} ou uma pedrinha, e em cima da pedrinha punha-se uma tampazinha de madeira e punha-se o pote em cima. [ABIA mai-, a maior] A maior força era tudo... Ou uma banquetazinha em cimento e a gente punha-se [ABlo p-] o pote em cima.

*INQ E chama-se pote a isso onde se vai buscar água?*

INF Era, sim senhora. Era o pote.

*INQ Olhe...*

INF Assim mais ou menos, que eu não sei desenhar, mas é isto é.

*INQ Já sei. Ainda se fazem agora? São assim de, assim mais ou menos? Depois tem assim umas tábuas?*

INF É, sim senhora. É isso. É umas aduelazinhas. É tudo feito em aduelas.

*INQ Assim. Depois diga lá.*

INF O pote é todo em aduelas, e é uma asa de madeira.

*INQ E tinham uns arcos, não era?*

INF É, sim senhora.

*INQ A apertar.*

INF Têm três arcos: tem um arco em cima na boca, tem outro a meio e tem outro no fundo, {pp} que é para segurar a madeira.

*INQ ... E depois a asa era assim?*

INF É, sim senhora.

*INQ Já tenho visto por aí. Ainda se fazem hoje?*

INF Ainda fazem que [AB|ainda há muita pessoa] ainda há muita pessoa que não tem bomba de água em casa; [AB|vem] vai, acarta água de fora, que não tem tanque; tem que ser nesses potes. E há outros que vão com os seus baldinhos plásticos – quem não tem, porque já um pote hoje é um homem cheio de centos.

*INQ Ai é?*

INF É, sim senhora. É muito dinheiro. E é preciso ter a madeira boa, que madeira para o pote é preciso é cedro. E (eles) /ele\ já não querem ir {CT|po=para o} mato cortar madeira. [AB|Já não fazem] Já não fazem essas peças assim. E mesmo selhas, {pp} também faziam era tudo de cedro.

*INQ Para lavar a roupa?*

INF [AB|Para] {CT|pra=Para a} gente escaldar uma fornada de bolo, e eram também para se acartar figos... Era tudo em selha, tudo de cedro! Mas agora já não há cedro, já vão se amanhando é com (.../N). Ainda há selhas, que selhas antigas ainda duram muito ano, que eu também tenho uma – selha dos figos.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC25-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb03a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 26:40-26:56	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 13	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Mas de que tamanho era?*

INF Mais ou menos assim ali de litro... E outro aí mais de litro, também ali um litro e meio. Eram umas {PHI'bilẽ3=bilhas} boas. A gente, às vezes, enchia-se ali três, quatro {PHI'bilẽ3=bilhas} de água e deitava num caldeirão que dava para escaldar sete, oito bolos. Eram umas {PHI'bilẽ3=bilhas} boas!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC26-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb03a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 27:13-27:55	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O lar e a cozinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 14	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Olhe, e não era costume as pessoas estarem à mesa e servirem-se todas dum prato grande que havia na frente?*

INF E até dentro duma tigela! E dentro de um alguidarinho destes de barro {pp} cheguei eu a comer! A tia Hermengarda velha, que era aqui do lado de cima de minha casa, fazia ali a sua tachada de funchos e fazia a sua fornada de bolo no forno, como eu fiz hoje. Pegava ali num bolo, migava dentro daquele alguidarinho, tirava daquele caldeirão – porque naquele tempo era caldeirão – de funchos, virava em cima daquele bolo, dava-{PHli=lhe} um 'mexerú', (ele) ficava o bolo e os funchos tudo caldeadinho. Eram seis e sete ali de roda do alguidarinho, era aquele que mais padejava com a sua colherzinha {CTlpa=para a} boca. Esses eram uns funchos saborosos! Agora é com toda a fidalgaria e todas as {PHfiti'ketɛf=etiquetas}... Também andam aí magrinhos e naquele tempo eram sequer gordos!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC27-C	
<b>Localidade:</b> Bandeiras <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Cecília <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Carina <b>Idade:</b> 46	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb03a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 41:02-48:32	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 15	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ A senhora conte-me lá, quando, quando nasce uma, uma criança, o, como é que se cuida da criança, o que é que se lhe faz, o que é que se lhe veste?*

INF1 É.

*INQ Conte-me como é que foi da sua filha.*

INF2 Eu já nem me lembra. [Risos] A minha filha foi muito bem. A minha filha, isso devia-me eu queixar, foi devagar. Eu já tinha trinta e seis anos quando a minha filha nasceu. Mas eu ainda, ali à tardinha {PHlɔ=ao} pôr-do-sol, ainda fui para casa da minha tia fazer uns biscoitos. Naquele tempo não se usava pão como se usa hoje. E é que isso (...) eu {IPl'tavɐ=estava} com o ouvido à escuta de ser {fp}em poucas horas. Disse: "Eu vou é fazer um quilo ou dois de biscoitos, porque sendo preciso, alguma pessoa que esteja mais eu, sendo preciso, com um pingo de café, já me arremedeio. Não quero ir sair {CTlpaʃ=para as} casas de ninguém pedir um bocado de pão". E assim foi. Chegou-se ali ao pôr-do-sol, eu fui para casa de minha tia e fiz uma coisinha de biscoitos. E {PHlɔdi'pojz=depois} vim para casa... Mas já {IPl'tavɐ=estava} a{fp} queixar-se, somenas. Pegava num braçadinho de lenha, chegava aqui {PHlɔ=ao} caminho – que ainda nessa altura não tinha forno –, parava um instantinho, parava mais adiante, parava outro instantinho, e fui andando assim e fiz os meus biscoitos. Depois vim para casa, mas depois então rebentou-me a bexiga de água. E {PHlɔdi'pojz=depois} eu {IPl'tivimi=estive-me} lavando, peguei numa toalha turca, branca, que tinha, dobrei-a e pus em mim, e ainda fui para casa de minha tia, eu mais o meu marido, moer uma fornada de milho. Mas depois vim para casa. Já quando vim para casa, ainda tive o ferro aceso para passar um guardanapo e um lenço da mão; era a mania de não querer ter nada por passar de ferro. Mas então já o lenço da mão, ia quatro e cinco vezes, para bem de o passar. O meu marido disse que ia chamar minha mãe. Digo: "Não se vai chamar ninguém. Que eu quero impar sequer aqui à minha vontade"! E [ABlfoi me-] foi mesmo assim. Diz ele: "Ah, mas eu não {IPl'to=estou} aqui sozinho, eu mais tu, porque não compreendo nada disso". [ABIE ele, coitado] Mas

eu não me queria deitar, queria {IP|tar=estar} era sempre em pé, cá à minha vontade. Diz ele: "Não, mas vais-te deitar e eu vou a casa de tua mãe". Lá eu me deitei e ele foi lá. Era meia-noite e dez minutos quando minha mãe chegou aqui. E era uma hora e dez, eu já {IP|tavẽ=estava} na cama com a minha filha. Mas foi então: ela foi aqui chamar uma vizinha, para {IP|tar=estar} com ela – porque ela tinha medo, como eu já tinha mais uma idadezinha –, e depois, [AB|mas, foi] quando ela chegou, foi logo, em coisa de uma hora. E elas depois obrigaram-me a pôr de joelhos. Digo: "Ah, não! Vocês! Eu quero {IP|tar=estar} é em pé, quero ir {CT|pɔ=para o} céu"! "Então {IP|tãdiz=estandes} em pé e a pequena nascendo, ela morre-te"! Eu era mesmo 'estropelinas'! Olha, lá me obrigaram a pôr de joelhos, e eu fui: "Olha, é agora"! Foi como um peixinho-rei, foi um instante! Nessa altura, era sempre à moda antiga! Diziam elas: "Ó Graciano vai à cozinha buscar uma garrafa que é para ela assoprar no gargalo duma garrafa". Ele era. Olhe, ele tão depressa deu a volta, deu dois passos, {fp} [AB|veio] veio o parto. Foi assim tudo em segundos. Fiquei desembaraçada. De maneira, eu que pedi? "Olhem, vocês"... Tinha então as minhas coisinhas todas arranjadinhas, a roupinha da miúda, e mesmo roupa para mim. Dei-{PH|li=lhe} o meu bocado de pano de turco: "Olhem, vocês ensaboem-me este {PH|pɛ'ninu=paninho}". Lavei-me, enxuguei-me e fui mesmo por os meus pés {CT|pa=para a} cama. Fui então muito feliz! Porque já tinha uma manchieia de anos, e foi indo só assim. Que foi mesmo em casa, não precisei... Já havia hospital! Mas eu não queria ir {CT|pɔ=para o} hospital. Foi então mesmo em casa. E depois [AB|elas então] minha mãe então é que cuidou disso: é que corta o {PH|ibi'gɨpu=umbiguinho} à miúda, e é que lhe deu o seu banhozinho geral. E então, naquele tempo, também usava-se as suas cintazinhas de flanela, com quatro arreatazinhas, que se amarrava. Mas elas punham então um bocadinho de unto sem sal e uma coisinha de tabaco.

*INQ Punham o quê?*

INF2 Uma coisinha de unto sem sal e uma coisinha de tabaco.

INF1 (...)

INF2 Deste tabaco que se cheira, deste fininho.

*INQ No umbigo?*

INF2 No {PH|i'bigu=umbigo}. E depois, dali, lavavam a pequenina e depois tornavam a pôr aquilo.

Acabante cinco, seis diazinhos, cai aquilo tudo fora e fica o {PH|i'bigu=umbigo} saradinho. E lá vestiram-na. Depois a minha mãe dizia assim: "Olha, toma cuidado! Tu não dês em dormir! Porque isto às vezes dão em dormir, mas isto depois deitam umas cordazinhas amarelas ou coisas por a boca, que depois elas às vezes sufocam"! Ai, eu levei tanto tempo, eu tola, com sono e não queria dormir, porque {IP|tavẽ=estava} sempre lembrando que ela que podia [AB|não] esquecer-se de tomar fôlego. [AB|Foi] Foi uma aflição. Foi uma aflição. Mas à conta de Deus está aqui, coitadinha, já é uma amiguinha duma pessoa.

*INQ Olhe, e o que é que lhe punha no rabito para ela não, não fazer?...*

INF2 Ai, eu punha-{PH|li=lhe} sempre as minhas fraldinhas. Mas, sempre precisei de trabalhar, que eu sou uma pessoa que saio muito, paro pouco tempo em casa. [AB|Tem que se ga-] A pessoa é pobre, tem que se ganhar a vida! Mas nunca saí... Olha, [AB|levava] levava o bercinho para casa de minha



mãe, atravessava-*{PHli=lhe}* uma tabuinha por baixo do berço, pedia a qualquer pessoa que passava pelo caminho para me ajudar. Mas não deixava de não *{PHli=lhe}* dar o seu banhozinho de manhã – só *{fp}* *{PHlêdu'sar=adoçar}* o cuzinho –, pôr-*{PHli=lhe}* a sua fraldinha, e usava as suas calcinhas plásticas. Mas ia sempre com o seu biberonzinho, com as suas papinhas, ou o tachinho, outra vez, com outras preparadinhas para a minha mãe *{PHli=lhe}* dar, *{CTlpaz=para as}* onze horas, e as suas fraldinhas sempre lavadinhas e passadinhas a ferro, *[ABltudo na]* os pés do bercinho, para eu poder levar tudo à cabecinha, e lá ia eu com a minha malinha na mão para ir trabalhar *{CTlpa=para a}* fábrica. Agora a minha pequena era muito boazinha!

*INQ Mas o berço era muito pequenino, então!*

INF2 Não era muito pequeno, era um berço bom! Agora eu é que era valente! Era forte! Por isso é que podia bem com o berço. E era assim.

*INQ Mas era daqueles que, que se?...*

INF2 Embalava, embalava. Era um berço bom, e então era de madeira boa, de madeira de castanho. Era pesadíssimo!

*INQ Já não o tem?*

INF2 Ah, ainda há esse berço, parece-me que em casa da minha tia Carolina, não é? É.

INF1 Não.

INF2 Ainda *{IPlta=está}* lá.

INF1 *(Do tio Belisando)*.

INF2 *{IPlta=Está}* em casa da tia Carolina. Não, já veio.

INF1 Oh!

INF2 Criou uma mancheia de famílias o tal berço. Era duma madrinha dela. Criou cinco ou seis filhos dela. E criou os nossos seis filhos – a gente é que éramos irmãos, que era a minha mãe, que isto é uma irmã *{fp}* de minha mãe –, e criou os seus seis filhos. E minha tia teve oito, e eu tive esta, e minha irmã teve três e ainda emprestaram a umas de fora, assim como a Hermínia, e emprestaram para meu irmão Belisando também, que criou dois... O que aquele berço tem criado *[ABlde]* de famílias! Mas a madeira era muito boa! E ainda *{IPlta=está}* bom! Ainda *{IPlta=está}* bom. Mas penei muito *{pp}* *{CTlpa=para a}* criar. Mas nunca deixei... Eu vinha da fábrica *{pp}* fazer a minha comida para tornar a ir no outro dia, e lavava a minha roupinha, mas também *[ABlàs onze da]* às onze horas da noite, eu acendia o meu ferro *[ABlcom as su-]* com as minhas brasas, e em cima duma caixinha *[RPl em cima duma caixinha]*, eu passava a roupa toda da minha filha. E ela nunca vestiu peça de roupa que não fosse passada ao ferro! *[ABlAgora já]* Agora já vai, que umas sobrinhas às vezes dão, ou coisa assim mais passageira, ou uns nylons, ou coisa assim, já escapa. Mas em pequenina nunca vestiu peça de roupa que não fosse passada a ferro. Nunca *{PHli=lhe}* pus uma fraldinha que fosse! Mas ela então também era muito limpinha! De sete meses, nunca mais usou fraldas! Fiz-*{PHli=lhe}* as suas calcinhas *[ABlde calção-]* de calçãozinho com os seus elásticozinhos... Ela era muito... A gente gabava, ficava muito engraçada! Porque tinha-*{PHli=lhe}* feito muitos poderes, urinava umas, ia mesmo ao bacio ou a uma selhinha, aquilo com uma camadinha de sabão, lá se punham num malheirinho *{pp}* a enxugar,

nunca {PH|li=lhe} faltou calças e andava sempre composta e nunca mais me deu trabalho a lavar fraldas nem a coar as fraldas. Que as fraldas são muito engraçadas, mas não-de ser brancas. Sendo encardidas, velhas, não se podem ver. Agora é assim. Mas então tinha a minha presunção de a criar bem criadinha!

*INQ Olhe, e para ela adormecer, cantava-lhe alguma coisa?*

INF2 Às vezes. Agora já nem me esquece bem como era as cantigas, mas às vezes dizia também qualquer tolice. Nunca foi pequena de pegar no sono no colo. Chateava-me muito. Nunca pude ir a lugar nenhum, fosse a um {PH|'bajlu=baile}, ou a um lugar qualquer, porque ela nunca se acertava para pegar no sono no colo. Vá de viravoltas no colo e punha-se de bruços, com os joelhos em cima das pernas e nunca havia maneira de pegar no sono. Que a gente quando pega numa criança, a gente deita-a por cima do bracinho fora, e ela fecha os olhinhos para pegar no sono. Esta nunca pegava no sono. Sim senhora.

*INQ Mas o que é que lhe cantava? Diga lá.*

INF2 Eu já nem sequer me recorda o que é cantar.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC28-C	
<b>Localidade:</b> Ribeira do Meio <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages do Pico <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celestina <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Boiardo <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb05a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 06:55-09:58	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O porco e a matança	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 16	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Como é que a senhora prepara os bofes do porco?*

INF1 Como é que eu preparo os bofes do porco? Ele quando vem para a gente, eu lavo-os bem lavados, a ficar sem sangue nenhum. Eles já costumam a deitar água nos bofes. Os bofes já quando vêm para a gente, já quando os vêem é brancos. Parece que ele o porco não (tem sangue nenhum). A primeira vez que eu vi fazer aquilo, eu disse assim: {fp} "Os bofes do porco não prestam! {IP|tẽw̃=Estão} muito brancos"! Mas não é. É os malditos que cortam os bofes {pp} e ainda enchem-nos de água.

INF2 E enchem-nos de água.

INF1 Estou-lhe a dizer, ficam os bofes lavados que {PH|'kẽjnuj=quem os} vê parece que o {RPlque o} porco não tinha sangue nenhum. E pico aqueles bofes, muito bem picadinhos, miudinhos, e escaldo-os; e depois é que os levo {CT|pɔ=para o} lume para deitar os seus temperinhos dentro para fazer a molha dos bofes. Há casas que fazem mais sopas de bofe, mas eu não gosto de sopa de bofe. (Não a sei fazer). Eu gosto muito de bofe, mas não é em sopa! E há casas que fazem a molha de bofe.

*INQ Como é que se faz essa molha?*

INF1 [AB|A molha] A molha de bofe? Pois picam os bofes bem picadinhos e [AB|aferve-] fervem, os bofes deitam aquela água fora, escorrida fora, e depois pica-se um alho e fazem [AB|lum] ao modo de uma {PH|vĩ'daɫuɟ=vinha-de-alhos} [AB|para] e para deitar para dentro daquilo. E é que fazem a molha [AB|do] dos bofes. E há pessoas que deitam batata branca juntamente {pp} para render mais os bofes.

*INQ E, e o fígado, como é que prepara?*

INF1 O fígado é: a gente aqui usam isto, não sei se em todos os lugares usam assim, se não. A gente faz é: o fígado vem para dentro, a gente faz os bifos, picam os bifos, em cima numa tabuinha com a faca, e [RPl]e fazem dois molhos [AB|lao] do bife. Fazem um em cima no fogão, que é dentro dum tachinho, que é para acompanhar [AB|p-] com o fígado; e fora, a gente faz um molho cru, que a gente chama é molho cru. Eu espremo um limão, {fp} deste limão tangerino – que a gente chama tangerino, não sei como é que se chama –, ou laranja azeda, a gente espreme aqui e deita uma coisinha de vinagre

para ficar um molho mais forte, e pisa um alho, malagueta, e uma coisinha de sal, que é para fazer aquele molho forte. Porquê? Que é para depois fritar e ir ao outro. Dá uma fervura no outro molho. O outro molho é com uma coisinha de sal, de sal e alho pisado e malagueta, e vai a ferver numa coisinha ou de óleo ou banha, conforme aquilo que queiram usar; deita-se uma coisinha de calda; deita-se temperos, aquele que quer deitar; e [ABl{IPlta=está} {fp}], dão uma fervura] dão uma fervura [ABlno{fp}] no fígado, o fígado até fica mais tenro.

*INQ Olhe, e mete o fígado dentro desse molho que está ao lume?*

INF1 Rhum-rhum. Para quem [ABlgosta] gosta assim; e quem gosta sem o molho, a gente põe [ABlnum pa-] num pratinho, enxuto – o fígado enxuto.

*INQ Mas cru, não?*

INF1 Não. Frito.

*INQ Frito?*

INF1 Frito, mas enxuto. Porque há pessoas que gostam do molho caldeado [ABlcom o{fp}] com o fígado e há outros que não! Pois. [ABlE o fígado]

*INQ Então, e esse molho cru pode-se pôr ou não se pôr?*

INF1 Não. Não se põe. A gente não põe. A gente faz aquele molho forte porque é só para embarrar o fígado, para fritar. Para depois usar, {fp} o outro é que a gente usa. {IPlta=está} a perceber?

*INQ Ah, está bem. Já percebi. Está bem.*

INF1 O outro é que a gente usa.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC29-C	
<b>Localidade:</b> Ribeira do Meio <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages do Pico <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celestina <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Célia <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> Boiardo <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb05a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 11:40-16:59	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O porco e a matança	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 17	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF1 Olhe, só tive minhas irmãs à noite que me ajudaram a lavar as tripas e não tive mais ninguém.

Tive só duas até.

INF2 Foi só uma.

INF1 Foi só duas: uma só é que trabalhou, a outra veio só de dó mesmo. Não tenho sorte.

INQ Então, já agora diga-me como é que se lavam as tripas.

INF1 Eu não tenho sorte nenhuma então de ter [AB|gente] muita gente a {fp} me ajudar. Ele eu sei me determinar sozinha.

INF2 (Não viram tudo).

INQ Mas como é que faz?

INF1 As tripas, o marchante, que é que abre o porco, é que desmancha as tripas. Desmancha as tripas com uma faquinha e vai puxando as tripazinhas todas, vai pondo-as todas direitas e a gente, depois no lavar, cortam as tripas. Vão puxando as tripas e vão cortando à medida que a gente quer, ou um metro, ou dois, ou da maneira que a gente quer. E {fp} a gente deita água, tem uma pessoa a deitar água, e a gente lava as tripas. Lava-as...

INQ É só com água? Só?

INF1 É com água, [AB|lav-] lavadas. E depois {IP|tẽw=estão} viradas, as tripas muito bem lavadas, a gente faz uma calda com sumo [AB|de] de limão tangerino, por fora {pp} das tripas, e lavam-nas bem lavadas. {fp} Em tempos passados {PH|nẽ=não} se fazia isto e comiam-nas. [Risos] Eu já lavei tripas e não fazia nada disto! Agora não. Agora fica sempre um cheiro esquisito. A gente lava aquelas tripas bem lavadas, e depois, antes de virar, a gente faz-{PH|li=lhe} uma calda de limão; e depois lavam-nas outra vez, bem lavadas, para tirar aquela coisinha [AB|de {fp}], aquelas miolinhas do limão. E {fp} enfia-lhe mais tripas. A gente faz uma calda com farinha, que é que sai aquela borra toda da tripa, e a seguir a gente deita salsa, cebola e [AB|lo su-] o limão picado [AB|para] para lavar as tripas. Há pessoas que areiam com sal. Eu, por mim, não tenho sorte de arear com o sal, porque as tripas quando vêm dos

porcos já assim vêm como (purinhas). Já a água, só a gente no lavar, elas ficam [AB|de] largadas. [AB|E{fp}] E a gente lava as tripas bem lavadinhas, bem areadinhas, e lavam-nas em muitas águas... E depois de ficar as tripinhas, a gente tira as linguiceiras, que é aquelas mais estreitas. A gente deita dentro numa [RP|duma] cabouquinha de barro, ou dentro numa coisa plástica, para depois encher a linguiça, naquelas. Há pessoas que salgam; eu, por mim, não salgo porque tenho o frigorífico, meto dentro do frigorífico, {IP|ta=está} frescas. [AB|E{fp}] mas há-de] Mas há pessoas que salgam-nas. São salgadas, as tripas, para depois lavá-las bem lavadas, e fazem uma caldinha com limão, para ficar frescas, para encher a linguiça. E a morcela, a gente vem para dentro, vão amarrando as morcelinhas à maneira que querem, assim em ponto pequeno, e{fp} é que são cozidas. A gente depois de encher aquelas morcelas, a gente deita [AB|um ca-] um tacho {PH|o=ao} lume, ou um caldeirão com água, sal e{fp}

INF2 Malagueta.

INF1 malagueta para a pele não ficar deslavada. Há pessoas que {PH|li=lhe} deitam galhos de {PH|'lojru=louro}, eu nunca {PH|li=lhe} costume a deitar então. Deito sempre é o sal, a malagueta, e deito assim [RP|a, a] as morcelas, mas há pessoas que deitam o {PH|'lojru=louro} a ferver. Diz que {PH|li=lhe} dá outro gosto, mas eu não sei.

*INQ Mas com que é que enche as morcelas?*

INF1 As morcelas, a gente enche... As morcelas, é com a mão, dentro da tripa.

*INQ Aquela massa que mete lá dentro, como é que a faz?*

INF1 É cebola, a cebola picada. A gente deita cebola picadinha, miúda, no sangue e deitam{fp}... A gente raspa noz moscada, pisa um alho, bem pisado, deitam mais aguardente nas morcelas, deitam canela...

*INQ Aguardente?*

INF1 Sim. Deitam canela, canela [AB|na] nas morcelas, deitam um tanto de canela [AB|na morce-] nas morcelas. Há pessoas que usam adubo; eu, por mim, nunca uso, é só a canela e a noz moscada e faz morcelas bem boas. Se fosse mais cedo tirava – que eu tenho na 'freezer' – para provar. Mas a esta hora... Só se o dia em que vier, que venha mais cedo e que queira provar... Que eu tenho {pp} [AB|na] na 'freezer'.

*INQ Mas essa de pôr aguardente nas morcelas nunca tinha ouvido.*

INF1 Não. Tem. Dá outro gosto diferente na morcela. E até [AB|há] há quem deite...

*INQ Mas é, é geral? Cá no Pico toda a gente põe aguardente?*

INF3 Deitam, senhora.

INF1 Eu, por mim... E deitam-{PH|li=lhe} [AB|s-, salsa na ce-] salsa [RP|salsa]...

*INQ E é o sangue cozido, não é?*

INF1 É. O sangue vai a cozer dentro daquelas tripas; o sangue vai a cozer, juntamente com aquela cebola e aquelas coisas.

*INQ Ai, ele ainda não está cozido?*

INF1 Não. É tudo cozido à uma. Quer dizer, há pessoas que cozem a cebola, quando é de rama... Eu desta vez foi de casco. {fp} [AB|Na-] Não gostei de cozer porque ficava mais [AB|numa] numa papa [AB|numa papa]. Agora quando é daquela de rama, eu gosto.

*INQ A de rama é que é cozida?*

INF1 Aquela [AB|re-] 'reseima' toda tirada, fica a cebola daqui, tanto que até a gente não arrotta nem nada. Nada, nada, nada! Não tem arrotto nenhum [AB|da, da, da] daquela 'reseima' da cebola.

INF2 Eu quando como a morcela à noite, {fp} ponho-me a arrotar.

*INQ Depois coze-as logo?*

INF1 A gente{fp}, esta de casco, a gente coze juntamente com a tripa, tudo cozido. O sangue vivo, e tudo, é tudo cozido com a tripa. Mas sendo de rama, a gente [AB|na-, na] costuma a cozer fora, a rama, que é para depois então meter na tripa. É só cozer depois o sangue e a tripa. E há quem deita vinho nas morcelas. Logo que não há sangue bastante, é vinho é que se manda para dentro.

INF3 Vinho branco.

INF1 Isso é que não. Vinho tinto! Já {IP|'tivi=estive} numa matança que {PH|nẽ=não} tinha sangue bastante, que era aquela 'mastrulhos' só 'emparcados' e nada de coiso, e pegaram em dois copos de vinho e deitaram-lhe dentro. Eu também nunca tinha visto. Mas diz que fazem. E por acaso, provei morcelas de lá e não estavam tão 'des-saborosas'.

INF2 E ficaram saborosas?

INF1 Ficaram. Por acaso, ficaram.

INF2 (...)

INF1 Aquilo logo que não há sangue, tem de se resolver de qualquer maneira. Não, mas se fosse mais cedo, eu amanhava morcela para [RP|para] comer.

*INQ Não. Isso não, não, não. Não quero que esteja a arranjar nada de propósito.*

INF1 Não? Não custava.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC30-C	
<b>Localidade:</b> Ribeira do Meio <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Lages do Pico <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celestina <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb05a <b>faixa:</b> 01 <b>min:</b> 18:39-19:59	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O porco e a matança	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 18	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05	

*INQ E os torresmos fazem-se só com os quartos?*

INF {fp} A carne melhor de quarto e também faz-se com lombo de porco. Lombos!

*INQ E não se fazem torresmos com gordura?*

INF Os torresmos com gordura é do toicinho do porco. Do toicinho.

*INQ Também se fazem?*

INF Faz-se sim senhora. Que eu também tenho ali dentro do frigorífico.

*INQ E, e guardam-se dentro da própria gordura, ou é separado?*

INF Não. Há pessoas que deitam em banha. Eu até, disseram-me que era bom deitar {fp} no frigorífico dentro em malgas e eu deitei em malgas, em baixo. Por acaso, {IP|ta=está} ainda bom, agora não (tiro).

Agora há quem deite em gordura. Tanto linguiça conforme os torresmos e tudo guardam [AB|na gor-] na própria gordura [AB|do, do] do porco.

*INQ Olhe, e no tempero da linguiça o que é que põe?*

INF Olhe, [AB|em] em nossa casa... Há casas que usam muito {fp} caldas e 'colorais' e tudo o mais.

Eu nunca deito disso. Eu meto em verde na linguiça e eu não tenho vergonha de [RP|de, de] pô-la [AB|em ca-] diante de qualquer pessoa para comer. É malagueta e alho bastante é que eu ponho, e sumo [AB|e {fp}] e vinho branco. Agora é vinho branco, que eu prefiro melhor este que vem de fora que esse aí de casa. Eu tenho medo do de casa porque uma vez eu fiz linguiça com o de casa e ela não ficou capaz. Então gosto mais do de fora, do vinho de fora, (...) vinho branco.

*INQ Não se fazem presuntos?*

INF Aqui, não se usa; agora, no continente, usa-se.





<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC32-C	
<b>Localidade:</b> Madalena <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Booz <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb06b <b>faixa:</b> 02 <b>min:</b> 00:19-06:01	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca; as condições atmosféricas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 20	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF Ah, meu amigo! {IP|'tavesi=Estava-se} a falar da lula e depois vêm [AB|atrás] {fp} muitas atrás daquela. Chegou-se ali à borda que há {PH|o=ao} pé da lancha, a gente usa o tal bicheiro, atamo-lo ao tal anzol, preso [AB|numa con-] numa ponta da cana, comprida. E a gente, elas vêm – a bem dizer, {IP|tẽw̃=estão} quase à superfície do mar – e a gente vai engatando as que {IP|tẽw̃=estão} ao lado; não aquela que {IP|ta=está} presa, as outras que {IP|tẽw̃=estão} [AB|pelo] pelo lado. Engata-se, às vezes, duas, três, quatro, conforme a porção, e elas estão ali de coiso. Mas é preciso desviar, porque elas, toda a lula, quando a gente engata, elas dão [AB|aquela] uma esguichada de tinta que é que tem. A gente, quando engata ou coisa, a gente aguenta sempre a lula ali sempre debaixo do mar, que é para ela esguichar a tinta para não esguichar a gente, [AB|{CT|pa=para a} gente] para não sujar a gente da tinta da lula. Também é engraçada a pesca da lula, também! Depois a lula também serve para isca, [AB|para] para pescar de fundo, que é o congro, que é o cherne, que é [AB|o] a abrótea [AB|lé o]... Qualquer peixe {pp} gosta da lula, tal e qual como a gente!

*INQ Sim senhor. Pois eu não sei o que é que lhe hei-de perguntar mais. Olhe...*

INF Pois.

*INQ Só se me explicar agora como é que conhece o tempo? O tempo que vai fazer, se vai piorar, se vai melhorar, se?...*

INF A gente conhece {pp} o nosso tempo... Temos aqui uma montanha que é o Pico, que dá muito sinal a isso.

*INQ Quais são os sinais que dá?*

INF Pch! Ele os sinais é a gente mesmo de manhã, a gente levanta-se, todo o pescador vai ... Levanta-se cedo e vai [AB|para] para ir {CT|põ=para o} mar, a gente a primeira coisa é olhar {CT|põ=para o} Pico. O Pico está descoberto, {IP|ta=está} todo ali, ele todo limpo, {IP|ta=está} muito bom tempo, a gente olha {CT|põ=para o} céu, {PH|nẽ=não} vê nuvens, {PH|nẽ=não} vê nada. Daí a bocado, de

manhã, [AB|lantes], a bem dizer, quando o sol {IP|ta=está} ali a nascer ou depois, a gente sabe se vai fazer mau tempo ou [RPlou] vê que o tempo vai mudar, o Pico principia a gente chama um chapéu... [AB|Cria] Cria assim umas nuvenzinhas todas em redor, tal e qual como um barrete em cima mesmo do Pico. A mesma coisa, a gente já sabe que é vento, que ele já {IP|ta=está} pondo qualquer coisa para cima de si, {IP|ta=está} adivinhando chuva. A gente se vê muito azul, aqui o Faial, aqui em frente, também muito azul, a gente olha, diz: "Olha, é sinal [AB|para] para chover"! E vem mesmo! [AB|Isto é] Isto é certo. Vê os sinais, a gente vê... A gente vê também os ares; a gente vê os ares [AB|de] de vento. Os ares quando {IP|tẽw=estão} riscados, o céu {IP|ta=está} riscado, aquelas nuvens todas riscadinhas, a gente sabe que vai fazer vento, que ele o dia que é ventoso. A gente vê... Por exemplo, pode vir chuva: "Olha, a gente {IP|'tẽmu3=estamos} no mar, mas ali, olha, ali vem chuva"! [AB|A gente]

*INQ E se são apanhados de?... Já lhe aconteceu ser apanhado de repente por uma tempestade no mar?*

INF Pois, o pior cá é o noroeste. É o tal noroeste. Por exemplo, o vento pode {IP|tar=estar} aqui da banda do sul, do sul {PH|nẽ=não} digo que vire já para o noroeste, mas da banda de oeste, da banda de oeste é{fp} rápido. A gente pode {IP|tar=estar} aqui e isto aqui, a gente, as nossas zonas de pescar é sempre aqui muito perto aqui do porto, porque a gente nunca pode ir para muito longe. Porque mesmo ir para muito longe, não dá; é muita profundidade, [AB|não se] não se pode pescar. Mas a gente {IP|ta=está} ali e, às vezes, já chegar aqui {PH|o=ao} porto já é com grandes dificuldades, principalmente, não por causa de navegar fora, (ele) /è\ o pior é o porto, mete logo uma aguinha dentro do porto. O problema todo é dentro do porto. Se tivesse a tal docazita [AB|que] que não está aqui, pois aí uma pessoa já vinha mais à vontade de coiso.

*INQ Mas aquele ali, o porto do Calhau não é melhor do que este?*

INF Não.

*INQ Não?*

INF Não. É conforme os ventos. Por exemplo, lá o vento de oeste, {fp} mete mar; a partir do oeste para cima, mete mar, o mar de oeste; aqui a partir de oés-noroeste, que é a partir de oés-noroeste para baixo, [AB|de cima da te-] até {PH|o=ao} Faial, pelo norte, mete aqui o mar do norte {pp} na coisa – principalmente de Inverno. É muito perigoso então! Pois a gente, as marés, as correntes, a gente sabe... {fp} A gente sabe as marés [AB|p-, p-] por onde é que vão, a gente [AB|quer] quer ir pescar ao goraz, a gente tem que ancorar é direito à pedra. Por exemplo, pode fazer areia em volta [AB|da] da pedra, ou ali mais metros, ali, por exemplo, vinte metros desviados, a gente marca-se. A gente, qualquer lugar que vai pescar, é assim, {fp} a gente marca. É sempre marcado. A gente marca-se por terra, por casas, [AB|por{fp}] por cabeços, por essas montanhas que se vê aí. A gente faz as nossas [AB|mar-] marcações das pedras. Todos os marinheiros, uns marcam-se por umas, outros marcam-se por outras; tudo no mesmo sítio. Uns marcam-se duma maneira, outros marcam-se doutra, mas todos vão lá ter a esses lugares [AB|que] de pesca. A gente chegou: "Olha, a maré vai {CT|põ=para o} sul", a gente bota... Porque é a tal... Ele a gente chama a poita, que é uma pedra amarrada no cabo, que é de

ancorar; a gente chegou mais {PHlɔ=ao} norte, ancorou, porque a maré depois bota para o sul; e a gente aí temos as nossas coisas de pescar. Os nossos engodos, os tais engodos, bota-se ao mar. A isca, a isca é a cavala, a sardinha que se compra de... Vai-se comprar {PHlɔ=ao} Faial. A lula, o chicharro, que é o carapau...

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC33-C	
<b>Localidade:</b> Madalena <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Booz <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb06b <b>faixa:</b> 02 <b>min:</b> 09:18-10:49	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 21	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ Olhe, e quando um pescador chega a velho, os outros ajudam-no? Dão-lhe alguma parte da pesca ou não?*

INF Não.

*INQ Não dão nada a esse pescador?*

INF Aqui {fp}, aqui não. Aqui, por exemplo, {pp} como eu, {pp} eu tenho [ABldo-] dois barcos... Tinha um barquito pequeno, uma lanchinha pequena, e depois vimos esse barco no estaleiro, que é este maior que tenho, porque os meus irmãos tiraram-me o juízo que devia-se comprar e que assim e que assado. E eu é que comprei e é meu. É tudo meu. E eu faço duas soldadas à embarcação, às duas embarcações. Quer que 'vaia' uma {PHlç=ao} mar, quer que 'vaia' as duas, eu só faço duas soldadas. Faço, porque eles são meus irmãos, não vou explorá-los. Se fosse outras pessoas que fosse de fora, pois eu não podia fazer duas soldadas. Mas eles como são meus irmãos e ajudam-me muito, portanto eu também não quero comer o trabalho deles. {fp} Sei que a despesa {IPlta=está} em cima de mim porque eu é que dou tudo, é que compro os preparos, é anzóis, é arame, é a seda, é... Tudo o que é necessário {CTlpu=para o} barco, eu é que compro tudo. [ABIEles] Só o que sai ali [ABlde] que é do [RPldo] monte, que a gente chama, que é do dinheiro todo junto, só sai o combustível, mais nada. Mas o resto, eu [ABlé que dou] é que dou tudo. Portanto, não é muito. {pp} A bem dizer, [ABluma soldada] uma soldada é [ABlpara] para arder ali nos preparos.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC34-C	
<b>Localidade:</b> Madalena <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Booz <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb06b <b>faixa:</b> 02 <b>min:</b> 13:38-15:14	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 22	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

INF A gente aqui há vários rapazes também [AB]que têm o{fp}] que têm o cofre. Conhece o cofre?

*INQ Sei como é.*

INF A gente apanha...

*INQ É assim, não é?*

INF Não.

*INQ Redondo.*

INF É redondo. Redondo sobre o comprido.

*INQ Redondo em cima? Pois, mas que faz assim, tem três arcos, não é, ou quatro?*

INF Tem três arcos, em redondo, ou quatro ou cinco.

*INQ Pois.*

INF E é ali todo fechado. E tem as duas bocas que é metidas para dentro, uma em [AB]cada] cada ponta. E é com umas canas [AB]la] para segurar aquilo esticado, {fp} o diabo [AB]do] {pp}

*INQ Do cofre.*

INF do cofre esticado. E é iscado. As grelhas, que é umas grelhas que tem, que é {fp} [AB]como uma re-] como uma rede, como uma rede [AB]de, de] de arame, a gente bota a isca ali dentro por causa [AB]do] de o peixe não comer. Porque antigamente punha-se só o peixe, assim amarrado pela cabeça e pelo rabo, preso dentro do cofre. Mas às vezes entrava a moreia lá dentro, ou coisa, [AB]e, e levava] e levava a isca. Assim, a gente inventámos – cá inventaram – as 'tales' grelhas, botam a isca lá dentro e a moreia já quer comer mas [AB]já não] já não pode comer. [AB]E{fp}] E a gente também faz é isso. A gente, uns usam umas bóias... [AB]Cada cofre] Mas aqui cada cofre tem uma bóia. [AB]a gente não] Chama-se tralhas. Porque quando é assim, às vezes, dez ou doze ligados uma à outra, que é depois botam [AB]uma p-] uma bóia numa ponta, uma bóia na outra. E a gente aqui não. A gente aqui, bota aqui um cofre – conhece-se mais ou menos a pedra e bota aqui um cofre –, bota ali outro, e todos os cofres têm a sua bóia. Mas cada qual {pp} da sua cor, com a marca [AB]que a gente s-] que a gente sabe.

*INQ Com a marca do pescador.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PIC35-C	
<b>Localidade:</b> Madalena <b>Distrito:</b> Horta	<b>Concelho:</b> Madalena <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Booz <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Manuela Barros Ferreira <b>CD nº:</b> 1APICb06b <b>faixa:</b> 02 <b>min:</b> 20:16-24:53	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 20B <b>faixa:</b> 23	<b>Data da primeira transcrição:</b> Jun.03 <b>Data da revisão final:</b> Jun.05

*INQ* Então há barcos especiais para essa pesca?

INF Não, é estes nossos barcos, é os [ABlmes-] mesmos barcos. Fazem todos esta mesma pesca. Só o que tenho é o anzol, o arame [ABlé o] é o mesmo. É o mesmo arame, conforme: a gente há pescas que o arame é mais fino, outras é [ABlmais] mais grosso. Por exemplo, esse da gata tem que ser um arame mais grosso. Mas {fp} o anzol, o anzol então é estorvado, é amarrado [ABlé] é com um fio, ou [ABlcom] com um nylon – caçam com o fio de nylon. E depois – a gente chama aqui um trincafio, porque é com o arame muito {PHlfi<sup>1</sup>ninu=fininho} – é todo embrulhadinho [ABlno tal c-] na tal coisa. Que é: a gata tem uns dentes, para não cortar a seda fora, para quando [RP|quando] apertar a boca, aperta no tal arame para não cortar {pp} com os dentes, que os dentes da gata é muito fino também. E o tal tubarão é, a bem dizer... O rabo [ABlé{fp}] é uma espécie da gata ou do cação. Conhece o cação?

*INQ* Sim, sim.

INF Pois ele o rabo do [RP|do, do] marracho é igual ao do cação. É a mesma coisa. Já vi, a pescar, {IP|<sup>1</sup>tavemuz=estávamos} no barco pescando, e eles virem até à gente, a vir comer o peixe que a gente traz. Comem o peixe. Andarem acolá {fp} cheios de fome, ali em volta da embarcação, a gente fazer pirraças a eles, até, às vezes, ter latas dentro, claro, chegou-se a fazer muita vez. Latas, a gente tem as latas que leva, às vezes, com engodos {CT|pɔ=para o} mar, ou um balde, e a gente tem anzóis (...), são uns anzóis grandes, e a gente, com um arame, – como aquilo é um peixe que tem um dente muito fino, corta tudo, corta muito rápido – [ABle a gente faz ali] {fp} amarra um anzol muito bem amarrado, só com o arame. E a gente enfia ali {fp} um peixe ou dois, acolá uma isca, e a cabo dali de um metro ou dois, amarra o tal balde, muito bem amarrado, um preparo forte! E a gente bota-o e eles vêm logo comer. [ABIA gente] A gente puxa para o anzol trancar bem na boca e depois deixa o balde caminhar. E ele depois desaparece. Vai sempre aquela impressão [ABl|do] do balde, vai ser até [RP|até] matar. [Risos]

*INQ* Coitados! [Risos]



INF Faz-se estas pirraças também a eles. {pp} Há peixe que a gente pesca... Porque [ABlnão] ele, a bem dizer [ABla gente não {fp}] não têm utilidade nenhuma, nem prestam para comer, nem nada. E a gente, às vezes, estamos pescando [ABle{fp}] e muito fundo, e a gente tem que vir acá acima {pp} para pôr outra isca ou para tirar aquele peixe da isca ou coisa, {fp} a gente chega, e a gente às vezes corta-os aos bocados e {fp} joga {PHl=ao}{fp} mar outra vez [ABlporque] – fazendo mal ao peixe! Mas aborrecidos com a nossa vida {pp} do coiso! E eles não têm culpa nenhuma de pegar porque também {IPltẽw̃=estão} com fome. [Risos]

*INQ Pois.*

INF Mas a gente tem que ser assim.

*INQ E vão alimentar outros! Mata-se uns...*

INF Pois, vão alimentar outros. Vão alimentar ao tal marracho que se chama, porque é o marracho. Outros chamam o tubarão. A bem dizer, na pesca [ABlde] submarina, nunca vi. Eu nunca vi. Já {IPltivi=estive} {pp} uma vez, na pesca, {IPltavẽ=estava} mais um irmão meu, que é esse meu irmão que mergulhava mais eu, e esse outro dentro do barco. (E ele me) /lam-me\ a chamar depressa para eu saltar para dentro do barco, e só vi a água dele, não vi... Não vi mais nada [ABl não vi, eu não{fp}]. Só vi, quando saltei, só vi, quando ele (.../VB) assim com o rabo, aquela água que ele fez, mas afinal {PHlnẽw̃nu=não o} vi. Mas os franceses, [ABlé um{fp}] são uns homens que gostam do tubarão. Porque eles dizem que o tubarão não faz mal. {pp} Que sendo dois, que aí podem fazer mal se se atacarem, se fizerem mal a ele; mas se não fere, o tubarão chega {PHl=ao} pé da gente, [ABlvem a fa-] vem reparar, vem reconhecer o que é, e vai-se embora. Não sei se é verdade, se é mentira, porque [ABlnã-] não vi, nem queria ver nenhum!

*INQ De qualquer modo... Pois, eu também não arriscava.*

INF Não. Não queria mesmo ver nenhum. Este rapaz, que é este Beltrão, que ele é francês, este rapaz tem fotografias mesmo {fp} pesca do tubarão...

*INQ É francês ou é emigrante em França?*

INF É francês mesmo. É um bellissimo rapaz. É de Paris mesmo. É dono duma fábrica de roupa de senhora. Veio aqui o primeiro ano aqui, aqui à pesca juntamente com um tio francês, também, que já tinha vindo acá à pesca; depois queriam ir aqui aos ilhéus aqui, mas não tinham barco; como eu {IPltavẽ=estava} ali, falaram comigo se eu queria ir, e eu disse que sim. Fui. Chegaram cá {PHl=ao} porto, perguntaram: "Quanto é"? e eu disse que não era nada. Lá tive a pachorra de andar com eles. Disse que {PHlnũ=não} era nada, eles deram-me o peixe – até tinham apanhado duas {PHli'jovẽz=anchovas} e ainda se viu um mero –, deram-me o peixe e deram-me trezentos escudos. Eu até nem queria pegar no dinheiro, eles lá me deram o dinheiro; depois [ABlse{fp}] disseram [ABlse queria] se eu podia ir ao outro dia, eu disse a eles que sim; e lá continuámos, fomos criando amizade e hoje em dia somos grandes amigos.